



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CAMPUS DO SERTÃO  
PEDAGOGIA

AMANDA PEREIRA ALVES DA SILVA  
ANDREZA LIMA DE SOUZA

**A MAQUIAGEM DO PRECONCEITO: REFLEXÕES SOBRE O BULLYING RACIAL NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Delmiro Gouveia - AL

2024



AMANDA PEREIRA ALVES DA SILVA  
ANDREZA LIMA DE SOUZA

**A MAQUIAGEM DO PRECONCEITO: REFLEXÕES SOBRE O BULLYING RACIAL NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.  
Orientadora: Profa. Dra. Mônica Regina Nascimento dos Santos.

Delmiro Gouveia - AL

2024

**Folha de aprovação**

AMANDA PEREIRA ALVES DA SILVA

ANDREZA LIMA DE SOUZA

**A MAQUIAGEM DO PRECONCEITO: REFLEXÕES SOBRE O BULLYING RACIAL NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao  
corpo docente do Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal de Alagoas – Campus  
Sertão e aprovado em dia 08 mês 11 e ano 2024

Catálogo na fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca do Campus Sertão  
Sede Delmiro Gouveia  
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586m Silva, Amanda Pereira Alves da

Maquiagem do preconceito: reflexões sobre o bullying racial na educação básica / Amanda Pereira Alves da Silva ; Andreza Lima de Souza. - 2024. 61 f. : il.

Orientação: Mônica Regina Nascimento dos Santos.

Monografia (Pedagogia) — Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Educação básica. 2. Ambiente escolar. 3. Bullying. 4. Racismo. 5. Preconceito racial. 6. Racismo estrutural. 7. Racismo velado. 8. Preconceito velado. I. Souza, Andreza Lima de. II. Santos, Mônica Regina Nascimento dos, orient. III. Título.

CDU: 37.063



## Folha de aprovação

AMANDA PEREIRA ALVES DA SILVA  
ANDREZA LIMA DE SOUZA

### A MAQUIAGEM DO PRECONCEITO: REFLEXÕES SOBRE O BULLVING RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao  
corpo docente do Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal de Alagoas — Campus  
Sertão e aprovado em 08 de novembro de 2024.

#### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
gov.br do digitalwnte  
MONICA REGINA NASCIMENTO DOS SANTOS  
Data: 27/12/2024 13:14:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

#### Profa. Dra. Mônica Regina Nascimento dos Santos (Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
gov.br ANA CRISTINA CONCEICAO SANTOS  
Data: 20/01/2025 19:39:57-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

#### Profa. Dra. Ana Cristina Conceição Santos (1ª Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
gov.br JOSE IVAMILSON SILVA BARBALHO  
Data: 21/01/2025 07:03:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

#### Prof. Dr. José Ivamilson da Silva Barbalho (2º Examinador)

## **Epígrafe**

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.” (Nelson Mandela).

## **DEDICATÓRIA**

Dedicamos este trabalho a todos os pedagogos e aos futuros pedagogos, que através da leitura melhorem a sua prática pedagógica quanto aos assuntos relacionados ao bullying, a violência, ao racismo e a discriminação. Que ela lhes permita enxergar novas metodologias de abordagens educativas que visem priorizar uma educação voltada para o destaque da diversidade dentro dos muros escolares, bem como fora deles.

Dedicamos esse trabalho a Deus, que nos acompanhou até a reta final desse processo e consequentemente esteve presente em todas as fases das nossas vidas, que se mostrou tão importante para o desenvolvimento pessoal e intelectual das autoras aqui presentes, sendo assim, um porto seguro e um refúgio nos dias de batalha que enfrentamos.

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares e amigos, que nos apoiaram durante o processo de escrita, e indiretamente nos ajudaram de maneira significativa para colaborar na construção de uma narrativa que é tão necessária e que com certeza irá abrir caminhos para novos horizontes dentro da área da pedagogia. Levantamos questionamentos que foram abordados no decorrer do texto através de conversas indiretas sobre o tema e isso nos possibilitou ter o entendimento necessário sobre as questões que serão aqui apresentadas.

Por fim, dedicamos este trabalho a nós mesmos por todo o esforço e dedicação que exercemos durante todo o percurso. Este trabalho modificou a forma como pensamos sobre o assunto aqui abordado e nos forneceu uma base sensata de informações que irão ser úteis para o resto de nossas vidas na área da pedagogia.

**Amanda Pereira Alves da Silva**  
**Andreza Lima de Souza**

## **AGRADECIMENTOS**

Meus mais sinceros agradecimentos a Deus, por me acompanhar por todo este processo, e por ser um refúgio nos dias turbulentos, me fazendo sentir sua presença em todo o meu ser.

Agradeço a minha família, por ser uma base inabalável na minha vida, por jamais desistirem de mim, e por acreditar que eu seria capaz de chegar até onde cheguei. Em especial a minha mãe, que nunca me deixou desacreditar de mim mesma e me impulsionou a ser alguém melhor, junto com o meu pai.

Meus agradecimentos e minha eterna saudade ao meu pai, que hoje descansa nos braços do senhor nosso Deus. Obrigada por todo apoio, amor, cuidado e carinho que teve comigo, obrigada por nunca ter desistido de mim e sempre ter acreditado no tipo de pessoa que eu me tornaria hoje, obrigada por tudo que me ofertou enquanto em vida para que eu pudesse chegar até onde cheguei, te amarei eternamente.

Meus agradecimentos para a minha professora e orientadora Mônica Regina Nascimento dos Santos, que nos auxiliou durante todo o processo de escrita, nos guiou nesta jornada e nos fez acreditar que seria possível chegar aonde chegamos.

Agradeço aos meus amigos, que de forma indireta e direta me auxiliaram com conversas, com passeios para que eu pudesse me distrair dos problemas, com o levantamento de assuntos que me fizeram questionar a minha escrita e com apoio imensurável que sempre se fez presente dentro desses laços de amizade.

Por fim, mas não menos importante, meus agradecimentos a minha dupla, Andreza Lima, que esteve comigo ao longo de mais de seis anos construindo este trabalho e se dedicando ao máximo para o concluí-lo com grande maestria.

**Amanda Pereira Alves da Silva**



## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a Deus, por ter me sustentado até aqui, não foram dias fáceis, mas consegui. Agradecer aos meus pais e irmão, sem eles não seria possível chegar até aqui, meu muito obrigado a vocês por terem cuidado da minha filha quando eu não pude estar presente, amo vocês. Quero agradecer a meu marido, que sempre esteve comigo em todos os momentos desse curso e elaboração do TCC, que não largou minha mão, e que às vezes até queria que eu largasse porque viu tudo que passei para concluir, obrigada meu amor. Agradecer à minha filha, pela paciência da minha ausência durante todo o processo, eu te amo muito.

Agradecer a minha dupla Amanda Alves, que sempre esteve ali presente, passamos pelas dificuldades juntas, até a finalização dessa construção, meu muito obrigada. A minha orientadora Mônica Regina Nascimento dos Santos que em nenhum momento largou nossas mãos e teve muita paciência com a gente entendendo cada dificuldade enfrentada.

Agradeço a minha avó Anunciada que não está mais presente em vida, mas está presente no meu coração, ela foi uma das peças fundamentais para me incentivar a terminar esse TCC. Quero agradecer a professora Suzana Libardi também que embora não saiba, foi um dos motivos que não tranquei a faculdade, com suas palavras nos primeiros períodos, sempre me incentivou quando pensei que iria parar. Quero agradecer também a minha família: meu avô, minhas tias e tios (não vou citar nome porque são muitos, a família Souza é grande), e os amigos que estiveram presentes e que sempre me ofertaram uma palavra de ânimo. Agradecer ao meu pastor, aos meus irmãos e irmãs de igreja que oraram comigo, agradeço em especial a irmã Núbia e Rafaela que no momento mais caótico da minha vida, estiveram sempre presentes comigo.

Agradecer aos meus professores, as escolas que estagiei, as crianças com quem convivi nesse processo, agradecer aos colegas de salas, ao pessoal da limpeza, a todos que fazem parte da UFAL, por fim quero agradecer aos que torceram contra, porque só impulsionaram a minha chegada. Para quem achou que eu não iria conseguir, olha eu aqui! E por último agradeço a me mesma por toda dedicação e empenho, e por me tornar alguém mais forte, e ter concluído porque só Deus e eu sabemos quanto choro teve nos corredores, e quantas coisas aguentei, não é fácil viver entre cobras e escorpiões, eu venci.

**Andreza Lima de Souza**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso em nível de graduação, buscou investigar de que modo o bullying e o racismo se fazem presentes na escola e como os dois se relacionam de maneira a torná-los um só problema. Tendo como objetivo analisar suas táticas de execução, expressão e abordagens, e partindo da ideia de averiguar cuidadosamente as manifestações preconceituosas que acontecem dentro da escola a partir do ponto de vista dos estudantes. Esse trabalho através da pesquisa de campo, elaborou um questionário com um total de 23 questões, e seus dados foram de extrema importância para a compreensão do problema. Sendo assim, a pesquisa foi realizada com alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma escola de Educação Básica do município de Água Branca-AL, onde os alunos, através do questionário, puderam falar de forma segura sobre o tema e expor suas opiniões a respeito do problema. O texto conta com a análise de autores como Bell Hooks, Eliane Cavalleiro, Paulo Freire, Sílvio Almeida, entre muitos outros, e documentos e leis específicas, que forneceram a compreensão necessária para escrita deste trabalho, que foram fundamentais para desvendar esta problemática e realmente retirar o véu que maquia essa violência. Após essa análise, foi possível identificar a existência do bullying racial e como ela é de fato maquiada, ganhando forças no ambiente escolar através das supostas “brincadeiras” inofensivas. Foi constatado que a escola oferece em seu currículo palestras e seminários voltados a refrear o impacto do bullying e do racismo dentro do seu ambiente, mas vale salientar que apenas esse método não é o suficiente para resolver o problema em si, uma vez que o conceito de bullying racial ainda é pouco presente nos currículos escolares. Enfatiza-se aqui, que é necessário reforçar as estratégias pedagógicas para prevenir a ocorrência de novos casos desse tipo específico de violência, levando em consideração que a escola é o ambiente em comum entre a diversidade cultural e conseqüentemente ao preconceito e discriminação. É de suma importância que discentes, gestores e professores tomem consciência do problema para que assim seja possível romper o ciclo de agressões, e dessa maneira, compreender a sua gravidade. A relevância deste estudo reside na necessidade de se cercar do máximo de informações sobre o tema, tentando entender sua natureza social no sentido de contribuir para reflexões críticas e futuras pesquisas na área.

**Palavras-chave:** racismo estrutural; bullying racial; maquiagem do preconceito.

## **ABSTRACT**

This undergraduate course completion work sought to investigate how bullying and racism are present in schools and how the two relate to each other in such a way as to make them a single problem. The aim was to analyze their execution tactics, expression and approaches, and based on the idea of carefully investigating the prejudiced manifestations that occur within the school from the students' point of view. This work, through field research, developed a questionnaire with a total of 23 questions, and its data were extremely important for understanding the problem. Therefore, the research was carried out with second-year high school students from a Basic Education school in the city of Água Branca-AL, where the students, through the questionnaire, were able to speak confidently about the topic and express their opinions about the problem. The text includes an analysis of authors such as Bell Hooks, Eliane Cavalleiro, Paulo Freire, Sílvio Almeida, among many others, and specific documents and laws, which provided the necessary understanding for writing this work, which were fundamental to unraveling this problem and truly removing the veil that masks this violence. After this analysis, it was possible to identify the existence of racial bullying and how it is in fact disguised, gaining strength in the school environment through supposedly harmless “games”. It was found that the school offers lectures and seminars in its curriculum aimed at curbing the impact of bullying and racism within its environment, but it is worth noting that this method alone is not enough to solve the problem itself, since the concept of racial bullying is still rarely present in school curricula. It is emphasized here that it is necessary to reinforce pedagogical strategies to prevent the occurrence of new cases of this specific type of violence, taking into account that the school is the common environment for cultural diversity and, consequently, for prejudice and discrimination. It is extremely important that students, managers and teachers become aware of the problem so that it is possible to break the cycle of aggression and thus understand its severity. The relevance of this study lies in the need to gather as much information as possible on the subject, trying to understand its social nature in order to contribute to critical reflections and future research in the area.

**Keywords:** structural racism; racial bullying; makeup of prejudice.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. A MAQUIAGEM DO PRECONCEITO: BULLYING E RACISMO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Conceituando Racismo.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 Conceituando Bullying .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 Intersecções entre Bullying e Racismo .....</b>	<b>20</b>
<b>3. EXPRESSÕES DO BULLYING RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 O Percurso Metodológico .....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 Questões da Pesquisa .....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 Resultados da Pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>3.4 Análise dos Dados Levantados .....</b>	<b>44</b>
<b>4. COMBATENDO O BULLYING RACIAL.....</b>	<b>46</b>
<b>4.1 O Papel da Escola .....</b>	<b>47</b>
<b>4.2 Por uma Educação Antirracista .....</b>	<b>51</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>61</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Trata-se de um trabalho de conclusão de curso em nível de graduação sobre *A maquiagem do preconceito: reflexões sobre o bullying racial na educação básica*, com o objetivo de fazer uma reflexão crítica sobre o racismo e suas formas de expressão no âmbito escolar, mais especificamente, o bullying racial, bem como, entender como o tema do racismo se interliga aos casos de bullying os fazendo ser um problema racial, através de simples discussões entre amigos ou meras piadas, como forma de suavizar ou mascarar o racismo estrutural que estrutura as relações sociais e tem forte impacto sobre as relações educacionais.

O objeto desta pesquisa é o racismo em sua forma de expressão no meio escolar que é o bullying racial, tendo por sujeitos os discentes de uma escola de Educação Básica no município de Água Branca. O preconceito, a discriminação e a violência escolar acarretam uma série de problemas que podem afetar a vida dos alunos, e planejar estratégias para uma Pedagogia do diálogo e acolhimento é de extrema importância para controlar os meios para esta violência, nos termos apresentados por Paulo Freire de uma educação dialógica. Este é um problema real que as escolas enfrentam atualmente, para investigar este problema, partiu-se da hipótese de que o racismo ou preconceito racial tem sido camuflado nas escolas, em consequência, o bullying racial não é devidamente definido, compreendido e combatido.

O levantamento de campo comprovou a existência deste problema na escola investigada e as hipóteses apresentadas inicialmente no projeto de pesquisa. Diante disto, a partir da leitura de textos científicos buscou-se analisar essa problemática e apresentar algumas respostas para esse cenário. Existem diferentes possibilidades que a escola pode lançar mão para evitar as expressões de violência, principalmente, a violência de caráter racial e intervir através da execução de um plano pedagógico que seja voltado para a visibilidade da importância dos temas: racismo e bullying racial, no último capítulo deste texto apresentamos como uma dessas possibilidades, o trabalho com a literatura infanto-juvenil a fim de debater essas questões de forma lúdica.

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso se discutiu a intercessão entre bullying e racismo, e como ela pode se manifestar através da violência física ou velada, em todo caso, conseqüentemente traz consigo uma grande variedade de danos psicológicos criados por meio de atitudes intencionais ou não no âmbito escolar. Esse fenômeno pode ser relacionado ao convívio diário, às diferentes formas de multiculturalidade, cultura, religião, cor entre outros

aspectos. As vítimas do bullying racial podem ser escolhidas de diversas maneiras, seja por uma característica específica do sujeito ou por suas marcas de identidade que estão relacionadas às suas raízes ou a narrativa de suas histórias.

A escola como ambiente em comum entre os jovens e crianças e as suas diferentes vivências e experiências, precisaria estar atenta quanto ao comportamento de seus estudantes, além de estar por dentro de pautas necessárias para o desenvolvimento pessoal das crianças e dos jovens, dando espaço para que a temática seja abordada e futuramente não seja uma prática maquiada que se torna ignorada.

Sendo assim, a escolha do tema se manifestou através da urgência de se compreender como e o porquê dessa violência racial estar acontecendo dentro da escola e de que maneira a escola tem lidado com esses atos para que eles passem tão despercebidos. É preciso salientar que a escola pesquisada utilizava de palestras e oficinas que abordavam o tema, no entanto não se aprofundava uma vez que foi constatado que alguns de seus alunos não se sentiam representados pela instituição de ensino que deveria visar o acolhimento e a diversidade de seus alunos em seus conteúdos.

A escolha da escola se deu através de alguns critérios estabelecidos previamente: a) ser uma escola de referência para a cidade; b) ofertar os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, portanto, ter alunos em idade suficiente que pudessem assinar o termo de consentimento para a pesquisa; c) ter uma prática assumidamente antirracista, pela adoção de ações de combate ao racismo.

Inicialmente foram procurados o corpo pedagógico e a equipe gestora da escola para a obtenção das devidas permissões para a aplicação dos questionários. Depois, foi levantado o número total de alunos para poder estabelecer o percentual de 30% sendo estes um total de 150 alunos que seriam precisos para responder ao questionário elaborado, o qual continha em seu conteúdo 23 questões distribuídas em objetivas e subjetivas, as quais se relacionavam com os tópicos de bullying e racismo.

As respostas obtidas forneceram o entendimento mais amplo sobre os tópicos estudados e colaboraram para a produção de argumentos que ajudaram a análise sobre o tema abordado, conforme organização a seguir.

O primeiro capítulo faz uma abordagem mais teórica do assunto, tratando sobre a maquiagem do preconceito e as nuances que envolvem o tema na literatura acadêmica. Uma

vez que é de extrema importância compreender de forma aprofundada os conceitos investigados e analisados, para construir um viés que não corrobore para estimulação dessa maquiagem do preconceito. Portanto o capítulo se dispõe a investigar como de fato acontece esse tipo de maquiagem a partir da conceituação de racismo, bullying e intersecções entre bullying e racismo.

O segundo capítulo consistiu em abordar as expressões do bullying racial na Educação Básica, além de trazer em seus tópicos o percurso metodológico que compreendeu o processo de investigação dentro do ambiente escolar norteando a pesquisa que possibilitou a escrita sobre o conteúdo aqui mencionado. O capítulo também se volta para as questões da investigação presentes no questionário apresentado para os alunos onde consequentemente fomos capazes de observar seus conhecimentos prévios e suas indagações sobre o assunto. Portanto, o capítulo se encerra com o resultado da pesquisa, a constatação do problema e das hipóteses e a análise dos dados levantados, ele deu sustentação para a análise realizada no capítulo seguinte.

O terceiro capítulo se voltou a sondar sobre as nuances que envolvem o combate ao bullying racial, verificando se os dados coletados em campo corroboravam a investigação teórica, desse modo, foi possível concluir que o problema do bullying racial não pode mais continuar maquiado, para amenizar esse problema, a escola precisa fazer uma análise mais profunda sobre o seu papel e buscar estratégias de ação que ao invés de camuflar o problema o encare de frente. Desse modo o tópico por uma educação antirracista colaborou para o entendimento do que seria possível se fazer para garantir que a escola se tornasse um lugar voltado para o desenvolvimento social do aluno.



## **2. A MAQUIAGEM DO PRECONCEITO: BULLYING E RACISMO NA LITERATURA**

Este capítulo se propõe a discutir a maquiagem do preconceito racial, ou seja, as formas usadas pela sociedade para maquiar o racismo, dourando a pílula, utilizando todos os tipos de termos e denominações, para evitar nominar este fenômeno social como ele deve ser nominado: racismo estrutural.

Uma vez que o racismo é crime tipificado no código penal brasileiro, segundo Adilton de Paula, as pessoas, têm medo de referi-lo, no entanto, não deixam de praticá-lo. E a escola, sendo um espaço que reproduz a realidade social e o racismo que lhe estrutura, tem um papel fundamental no combate e prevenção a tais práticas que estão presentes também nas ações e interações da práxis educativa. Neste sentido, o capítulo aborda a problemática do racismo e bullying racial na escola a partir de sua conceituação, para isso, está estruturado em três tópicos concatenados que explicitam os conceitos de racismo, bullying e a inter-relações existentes entre eles, bem como, as implicações disto para a sociedade, a educação e a escola, como se verifica a seguir.

### **2.1 Conceituando Racismo**

O racismo emerge de uma prática de baixo calão de discriminar e agredir preconceituosamente pessoas negras – sendo elas pretas ou pardas –, de acordo com as teorizações sobre o colorismo de Djamilia Ribeiro, quanto mais escuro o tom de pele, mais intenso é o racismo. As pessoas pretas e pardas, juntas conformam o segmento de pessoas negras que é 55,5%, portanto a maioria da sociedade segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A sociedade brasileira, é diversa, e fruto do processo de colonização que ocorreu entre os séculos XVI e XIX, tornando a população miscigenada<sup>1</sup>. Todos os segmentos étnico-raciais que compõem essa miscigenação têm as suas próprias formas, jeitos e maneiras

---

<sup>1</sup> A Lei 7.716/89, conhecida com Lei do Racismo, pune todo tipo de discriminação ou preconceito, seja de origem, raça, sexo, cor, idade. A miscigenação deu origem a diversidade étnico-racial do Brasil, mas, ela surgiu como uma política de branqueamento na perspectiva da limpeza étnica, que está na base práticas eugenistas. Portanto, a miscigenação tão celebrada no Brasil surgiu como forma de embranquecer a população brasileira que Abdias Nascimento definiu como genocídio do povo negro brasileiro.

de expressar sua cultura, racionalidade, religiosidade entre outras marcas identitárias, diante disto o racismo, é uma forma de apagar essas diferenças e de encaixar todas as pessoas em um único padrão de cultura, racionalidade, religiosidade e estética. ele estrutura as relações de poder da sociedade de modo a marginalizar todas as pessoas que fogem a esse padrão hegemônico.

O país foi o último, das Américas, a abolir a escravidão, o que conseqüentemente e historicamente criou uma vulnerabilidade para a população escravizada durante o sistema colonial que teve início no século XIV e se estendeu até o século XIX, em decorrência, as conseqüências históricas do colonialismo ainda estão presentes na vida social. Diante disto, em suas muitas vertentes, o racismo ainda é um termo que precisa ser bastante estudado, por mais que seja conhecido, pois as pessoas ainda não sabem de fato identificá-lo por existir diversas nuances em seu entorno. Dessa maneira, o preconceito racial, a intolerância religiosa relacionada à religiões de matriz africana, o bullying racial e a discriminação racial, são algumas das mais variadas formas do racismo que buscam ferir povos, grupos, indivíduos ou minorias políticas, em conseqüência da sua cultura, origem, religião. As opiniões que se formam em detrimento dessas pessoas muitas vezes surgem como estereótipos e conseqüentemente são constituídas sem uma devida fundamentação concreta de seus fatos. O racismo nada mais é do que a ignorância e a intolerância dos seres que constituem uma sociedade subalternizando pessoas negras e indígenas, tidas como inferiores ou incapazes de produzirem tecnologias em comparação com grupos europeus.

O processo civilizatório no Brasil está marcado pela chaga da escravidão, da exploração da força de trabalho africana e indígena, antes da invasão portuguesa existiu desigualdade social nas Américas, a exemplo do que se verificou nas sociedades Incas, Astecas e Maias, mas, nada comparado ao processo de desumanização dos corpos como o praticado pelo colonialismo, não por acaso, esse processo gerou historicamente o racismo estrutural e constituiu mentalidades racistas<sup>2</sup>.

[...] O racismo decorre das marcas deixadas pela escravidão e pelo colonialismo. Conforme este raciocínio, as sociedades contemporâneas, mesmo após o fim dos regimes escravistas, permaneceriam presas a padrões mentais e institucionais escravocratas, ou seja, racistas, autoritários e

---

<sup>2</sup> O açúcar seria muito caro se não fizessemos que escravos cultivassem a planta que o produz. Aqueles de que se trata são pretos dos pés à cabeça; e têm o nariz tão achatado que é quase impossível ter pena deles. Não nos podemos convencer que Deus, que é um ser muito sábio, tenha posto uma alma, principalmente uma alma boa, num corpo todo preto [...] É impossível que suponhamos que estas pessoas sejam homens, porque se supuséssemos que eles fossem homens, começaríamos a crer que nós mesmos não somos cristãos. Espíritos pequenos exageram demais a injustiça que se fez aos africanos (MONTESQUIEU, 1996, p. 257).

violentos. Dessa forma o racismo seria uma espécie de resquício da escravidão (Almeida, 2018, p. 143)

O padrão eurocentrado, decorrente do colonialismo, determinou a forma de ser e existir no mundo, criando o racismo como expressão de estereótipos, preconceitos, discriminações, e mais que isso, produziu o ódio racial e a intolerância a tudo o que é diferente, diverso e foge da chamada *normalidade eurocentrada*. Ao conceituar o racismo estrutural, precisa-se entender que ele é também individual, institucional e sistêmico. Neste sentido, o racismo não só ultrapassa o entendimento sobre um ato individual como estabelece uma dimensão sistêmica muito maior de poder e submissão que o processo constitutivo das relações possui sobre a raça. Entretanto não é apenas esse ponto a ser analisado, uma vez que o racismo é direcionado, ele tende a ferir uma grande quantidade de pessoas levando em consideração que não é um ataque que parte apenas de indivíduo para indivíduo, ele acontece também dentro das instituições ou pelas instituições que com condições preconceituosas impõem uma manutenção falsa de uma ordem social criada apenas para impedir que o negro tenha sucesso, ainda que isso não seja explícito, é um modo de agir maquiado.

Desse modo, a sociedade, a escola e a família devem agir em conjunto, para que questões tão importantes como o racismo sejam esclarecidas e combatidas para que não ocorra a sua reprodução, uma vez que a sua viabilidade parte por uma via sistemática que intencionalmente ou não intencionalmente surgem através da organização política, jurídica e econômica da sociedade, já que ele se expressa através delas. Desse modo Almeida cita que;

A ênfase da análise estrutural do racismo não exclui os sujeitos racializados, mas os concebe como parte integrante e ativa de um sistema que, ao mesmo tempo que torna possíveis suas ações, é por eles criado e recriado a todo momento. O propósito desse olhar mais complexo é afastar análises superficiais ou reducionistas sobre a questão racial, que além de não contribuírem para o entendimento do problema, dificultam em muito o combate ao racismo (Almeida, 2018, p. 39)

O racismo se materializa por um conjunto complexo de ações que são internalizadas no imaginário social das pessoas e constantemente passa por várias modificações, ele é reforçado através do mercado de trabalho, da comunicação e por fim na educação, ele também é algo que foi criado historicamente. Segundo Sílvio Almeida (2018), o racismo é uma tecnologia social construída socialmente e cria privilégios para determinados corpos que se encaixam no padrão de racionalidade colonial, que hierarquiza racialmente indivíduos, subordinando os corpos negros e indígenas. O racismo é então uma construção social de uma sociedade adoecida que se ergueu sobre as mazelas do sistema colonial, o “colonialismo é portador de racismo”

(ANDRADE, 1978, p. 07). Essa estrutura social racializadas hierarquiza posições sociais sob a ideia de raças inferiores e superiores.

## 2.2 Conceituando Bullying

A palavra bullying é uma palavra da língua inglesa e a sua tradução remete a palavra agressor, esse é um termo bastante usado dentro das salas de aulas para maquiagem atos violentos, preconceituosos ou até mesmo vistos como brincadeiras. Por muito tempo, as escolas camuflaram esses atos para que eles não gerassem uma grande repercussão, muitas vezes os intitularam como briga entre colegas. Porém existe uma grande diferença entre ambos, o bullying vai além de uma simples discussão, ele é um conjunto de ações repetitivas que diariamente geram desconforto em suas vítimas que é ocasionado pelo autor da agressão.

[...] bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying (Fante, 2005, p. 28 e 29)

Geralmente, as vítimas do bullying, são pessoas que possuem uma certa dificuldade na comunicação ou socialização com os demais colegas. Na maioria das vezes são vistos como “nerds” ou possuidoras de deficiências ou particularidades físicas que fogem ao padrão hegemônico de ser e existir no mundo. A lei 13.185 de 2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), definiu, no Art.02, o bullying como “intimidação sistemática (bullying) quanto há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação, ou discriminação” e acrescenta oito incisos com o detalhamento desses atos. No Brasil, o bullying só foi visto como um agravante quando a lei de nº 13.277/2016 foi aprovada para combater a violência dentro das escolas e é celebrada no dia 07 de abril, após um acontecimento que marcou o Brasil devido a gravidade de tal feito, como cita o site do MEC.

A data foi instituída em 2016, por meio da Lei nº 13.277. A escolha da data está relacionada à tragédia que ocorreu em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso de Oliveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, e matou 11 crianças (BRASIL, MEC. 2018, s/p)

Desta maneira, nota-se que o bullying é um assunto de extrema importância a ser tratado dentro das escolas, pois em grande parte, a sua prática ocasiona diversos traumas e sequelas que as suas vítimas levarão consigo pelo resto de suas vidas, sem contar nos danos psicológicos que acarretam a violência física, uma vez que cometido, o bullying deixa marcas tanto no agressor quanto em suas vítimas. É preciso ter um olhar atento em relação ao assunto pois muitas pessoas cometem atos suicidas em decorrência dos ataques repetitivos que desbloqueiam pensamentos de depreciação.

Adentrando nos agentes mais comuns do bullying, tanto os agressores quanto as vítimas apresentam características específicas, sendo assim, as vítimas são pessoas que não conseguem se defender dos ataques do bullying, não apresentam força ou coragem e são retraídas. Já os agressores são definidos como pessoas que esperam que façam suas vontades, têm apreço pelo poder, apresentem dificuldades para se relacionar, sofrem maus tratos em casa, dando ênfase a esse último aspecto, uma vez que o relacionamento familiar pode estar fortemente ligado às ações de bullying, pois quando não há bom relacionamento dos filhos com os pais, os filhos tendem a refletir o mau exemplo (Felizardo, 2017, p.18)

Foi aprovada recentemente, no dia 15 de janeiro, a lei 14811/2024, onde prever que se o indivíduo cometer bullying ou cyberbullying ele poderá ser multado ou até mesmo preso. Isso foi sem dúvida um grande marco para as pessoas que vêm enfrentando esses transtornos diariamente, entendendo que antes não havia uma punição específica para as pessoas que cometiam tais crimes, agora existe uma certa segurança judicial para os sujeitos que estão sendo vitimadas por esses atos. Esta lei amplia a discussão, trazendo a problemática do abuso sexual além da prática da violência<sup>3</sup> em estabelecimentos educacionais, instituindo medidas de proteção às crianças e adolescentes, trazendo para o poder público a responsabilidade em promover essa proteção e adotar as medidas cabíveis para tal feito.

---

<sup>3</sup> A lei 14811 de 2024 utiliza como parâmetro para o entendimento sobre violência contra crianças e adolescentes, o disposto em leis anteriores, a exemplo das leis: 13.185 de 2015 sobre o bullying; 13.431 de 2017 sobre a criança e adolescente testemunha de violência e 14.344 de 2022 sobre a violência doméstica. Ao reunir diferentes leis em uma só, a legislação potencializa as medidas de proteção e combate às violências e violações praticadas contra vulneráveis: crianças e adolescentes.

Os agressores não visam de imediato as pessoas escolhidas que irão sofrer o bullying, eles primeiro analisam se o indivíduo é vulnerável e não consegue se defender dos ataques. O agressor, geralmente é alguém que tem o poder de causar medo e dessa forma reprime o agredido através de ameaças e opressões para que ela se sinta encurralada durante o ato violento. Geralmente os agressores andam em grupos para causar intimidação nos demais colegas exercendo uma superioridade criada a partir de seus ideais. As vítimas por sua vez, ficam em uma posição difícil quanto a sua relação com os agressores, pois elas estão sempre com medo do que possa vir a acontecer e dessa forma se sentem desconfortáveis, inseguras e oprimidas, chegando assim a ter medo de relatar o problema para os pais ou para a escola. O que se passa na sala e no ambiente escolar ocasionalmente tende a ficar entre essas paredes e na maioria das vezes elas são chantageadas e silenciadas.

Dessa maneira, o medo desenfreado provoca um silenciamento nas vítimas. O bullying é um fenômeno social novo em comparação com o racismo, mas, tem igualmente intenso potencial destrutivo, há no Brasil o registro de casos de bullying que resultou na morte de vítimas e agressores<sup>4</sup>, por isso, merece ser estudado e devidamente enfrentado, a tipificação na legislação é importante, é um grande passo rumo ao enfrentamento, mas, não é suficiente. A sociedade brasileira convive com leis muito avançadas, a exemplo da lei que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial e da que puni severamente o bullying, mas, ainda assim, ela não tem conseguido alterar significativamente suas práticas sociais desumanas. E dada a gravidade, não dá para simplesmente cruzar os braços.

### **2.3 Intersecções entre Bullying e Racismo**

As intersecções entre o bullying e o racismo se evidenciam a partir da aparente *coincidência* que existe entre o modo de agir das violências. Tanto o bullying quanto o racismo partem do pressuposto de atingir outra pessoa de forma preconceituosa e violenta. Levando em consideração que o racismo é estrutural e o bullying é uma forma de agressão física ou psicológica, logo os dois se relacionam pois um é meio para o outro se estabelecer, quando direcionamos essas questões para a sala de aula.

---

<sup>4</sup> Menina é pisoteada e xingada de ‘macaca’ e ‘cabelo de bombрил’ por alunos em escola municipal, diz mãe [g1.com](https://g1.com.br) 22/03/2024.

Quando uma análise é feita sob os dados de estatísticas sobre a população negra, nota-se como eles são dolorosos quando se percebe a existência de diversas discrepâncias que impossibilitam o cidadão negro a progredir, tanto em áreas sociais frequentemente negadas, quanto no contexto da suposta *democracia racial*, uma vez que o negro é marginalizado e colocado sob um processo social que é instituído através de uma nação que massacrou esse segmento da população sob a ideia de que somos todos iguais, e por isso temos os mesmos direitos.

Hoje é possível perceber o racismo aparentemente velado – ninguém assume que é racista, mas todos concordam que existe o racismo – existe na sociedade. O conjunto de leis que combatem o racismo o colocou em uma posição de contrariedade e fez com que ele passasse a “não existir” mesmo que os dados comprovem o oposto disso. É notável a diferença de tratamento que existe entre negros e brancos em todas as áreas sociais, e a ideia de igualdade formal – sem ação efetiva – deixa em evidência a maquiagem passada para encobrir algo tão cruel. Segundo o IBGE, no censo de 2022, a consciência racial cresceu, mas a desigualdade racial<sup>5</sup> persiste em indicadores de renda, trabalho e educação. Ainda de acordo com esses dados, a maior parte da população se declarou como parda, uma soma que totalizou 45,3% da população do país. Desde a década de 90, não se viu um número tão grande de pessoas se declarando como parda visto que a maioria se via como branca, esse dado talvez se deva a existência de políticas de afirmação identitária, levando as pessoas a se assumirem como negras; ou talvez se deva aos benefícios das políticas de ações afirmativas, levando as pessoas a se assumirem como negras para poderem usufruir de cotas e programas governamentais. De toda forma, cresceu a noção de pertencimento, assim como o “incômodo” de setores da população ao se depararem com um número maior de pessoas negras frequentando ambientes antes vistos como exclusivos para pessoas brancas: universidades, aeroportos, hotéis entre outros.

O racismo está na base das desigualdades raciais, as quais servem de combustível para o bullying. O bullying, por sua vez, age a partir de diversos papéis, e diferentes cenários e construção de estereótipos. Quando correlacionados, verificasse que o bullying e o racismo agem de forma sistemática pois, há por trás de ambos, uma intencionalidade, uma prática

---

<sup>5</sup> Sobre a renda do trabalho, “os profissionais brancos recebem em média 61,4% a mais por hora trabalhada que pretos e pardos”; as “mulheres pretas ou pardas representam 41,3% dos pobres no país”; pretos e pardos estão no grupo com maior taxa de desemprego. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/12/24/consciencia-racial-cresce-mostra-censo-2022-mas-desigualdades-persistem.ghtml>, acesso em abril de 2024.

continuada e com consequências danosas, sobretudo, quando praticadas contra vulneráveis, nos estabelecimentos escolares.

A escola precisa se estabelecer como um ambiente que garanta a qualidade de ensino ofertado, além de ser um ambiente seguro e compassivo para que seus alunos sintam segurança estando e voltando todos os dias para este lugar. Em contrapartida sabemos que ela é um espaço que por muito tempo vem exercendo a função de palco para atos violentos e repetitivos que prejudicam os alunos frequentemente. Do ponto de vista filosófico, assim como o racismo é fruto de uma sociedade adoecida, que rebaixou seu status de humanidade, no bullying, tanto os agressores quanto as vítimas sofrem, pois, estão presos em um ciclo de violência que os distanciam do real sentido da prática educativa, mas, evidentemente, as vítimas sofrem muito mais.

A construção de uma autoimagem destrutiva e depreciada que acomete uma parcela significativa de adolescentes e crianças negras corrobora para que, os mesmos, enquanto estudantes, tenham uma conduta bullying de teor racial entre si, tendo um comportamento opressor e de negação da própria identidade (Cardozo, Daise, 2017, p.04)

Os danos causados na vítima do bullying muitas vezes se tornam irreparáveis do ponto de vista psicológico, motivo este que se tem buscado encontrar soluções através de estudos pedagógicos para que se encontre uma solução e minimize as consequências dessa violência, que em casos extremos podem levar até a morte dos envolvidos.

Contudo, se faz necessário levar em consideração que tanto a prática do bullying quanto o ato racista tornam-se incorrigíveis uma vez que se tornam um hábito. Do ponto de vista psicológico entende-se que são danos permanentes que irão desencadear uma série de traumas e possivelmente podem provocar o suicídio ou a depressão que futuramente se tornam um risco para quem os pratica – pois terão que ser responsabilizados – ou para quem sofre com esses atos.

“[...] Na escola, que tem como uma das suas principais missões socializar, incluir e acolher a diversidade trazida pelos seus atores, observa-se comumente práticas hostis e racistas, nesse Recorte, contra alunos negros. Segundo Moscovici” (1978, p. 64): “[...] o racismo é o caso extremo em que cada pessoa é julgada, percebida, vivida, como representante de uma sequência de outras pessoas ou de uma coletividade”. Tal violência muitas vezes se expressa e desenvolve por meio do fenômeno bullying (Cardozo, Deise, 2017, p.05)



Tanto o racismo quanto o bullying, muitas vezes podem acontecer sem que haja de fato uma percepção consciente das pessoas que os pratica. Entretanto, adultos jovens e crianças passam por esses episódios durante alguma fase da vida, e esses acontecimentos desbloqueiam uma série de autodefesa tanto nas vítimas como nos agressores, que levam consigo uma marca deixada pelas agressões e pelo preconceito o fazendo ser uma pessoa frustrada, medrosa e insegura.

Desse modo, a escola como um ambiente que garante aos alunos um lugar de comprometimento com a qualidade da educação ofertada e com a socialização do conhecimento, precisa levar em consideração os fatores da integridade física e emocional deles, utilizando uma metodologia que favoreça o esclarecimento sobre a problemática da violência e a prática antirracista, para a prevenção do bullying e do racismo reproduzidos dentro do ambiente escolar, precisa promover uma pedagogia do acolhimento, de respeito e valorização das pessoas pelo que elas são, em todos os seus pertencimentos identitários.

A violência escolar é um problema que perdura dentro do ambiente escolar e que está longe de ser algo do passado, ela acarreta comportamentos e práticas que buscam agredir fisicamente ou psicologicamente uma pessoa, são atos antissociais que por meio de discussões interpessoais geram uma série de conflitos, que devem ser atacado em conjunto pelas instituições: família, escola, área da saúde e assistência social, portanto, não como meramente um caso de polícia, mas sim de reeducação das relações. As medidas não devem ser apenas de fora para dentro, pois, qualquer que seja a intervenção vinda de fora pode não ajudar de fato a resolver o problema, então, é necessário existir ações de mão dupla, onde as instituições atuem de forma concatenada, nisto, a conduta acolhedora por parte do corpo docente e o incentivo aos alunos a buscarem novos caminhos por meio da educação é essencial, esse é um trabalho árduo sem sombra de dúvidas, entretanto, é o melhor caminho a seguir para que de fato o corpo docente consiga promover o acolhimento de seus alunos, e impactar positivamente a vida e o processo de aprendizagem dos seus alunos, tanto dentro da sala de aula quanto fora dela.

Neste sentido, é importante uma organização do ambiente escolar que possa abranger a complexidade do tema e a promoção da formação de seus agentes no sentido de uma ação defensiva e de proteção de vulneráveis, dentro dos marcos legais e assegurando a pluralidade no ambiente escolar, no respeito às diferenças e identidades das pessoas envolvidas.

O racismo e o bullying se relacionam nos atos de agressão por discriminação e preconceito e ambos costumam ser maquiados tanto na escola como na sociedade. O bullying como ser o meio utilizado para a prática do racismo na escola, e ambos precisam ser expostos e combatidos. No próximo capítulo veremos algumas das formas como racismo e bullying se expressam na Educação Básica.

### **3. EXPRESSÕES DO BULLYING RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Neste capítulo serão apresentados os dados coletados durante a pesquisa de campo a partir das entrevistas realizadas em uma escola estadual do município de Água Branca-AL, a fim de evidenciar esse fenômeno social e estimular reflexões entre os profissionais da educação sobre ele. Também será abordado todo o processo da pesquisa de campo e todo o seu rendimento quanto ao seu aproveitamento para a colaboração da escrita, bem como as dificuldades que surgiram durante caminho e questionamentos levantados a partir das curiosidades que apareceram mediante o tema escolhido.

#### **3.1 O Percorso Metodológico**

A escola investigada possui uma estrutura grande, adequada para comportar os alunos do município, bem como os alunos dos povoados. Ela dispõe do ensino integral e conta com o auxílio de uma biblioteca, no entanto, ela tem um acervo reduzido quanto aos seus conteúdos literários, não havendo muitos livros voltados para a cultura Afro-brasileira e indígena, embora haja no município uma comunidade quilombola bem ativa e reconhecida em todo o Estado. A

escola também possui uma quadra, laboratório, auditório, salas climatizadas e equipadas com aparelhos audiovisuais. Deste modo, no aspecto da estrutura física, está bem-organizada.

As primeiras discussões sobre o projeto de pesquisa bem como a metodologia aplicada durante o processo de investigação, partiu do pressuposto da ideia de analisar uma escola de Educação Básica de acordo critérios objetivos para levantar informações sobre o tema central. Desse modo, a pesquisa teve como objetivo investigar, se a escola estava dentro dos parâmetros ou não de uma educação antirracista e que não tolerasse o bullying dentro de seus muros. Sendo assim, a escolha da escola para a realização da pesquisa, foi feita visando os seguintes critérios: ter alunos do ensino fundamental II ou do ensino médio, ter registros de casos que envolvessem bullying e racismo, ser uma instituição voltada ao combate ao bullying e ao racismo, adotando ações evidentes nesse sentido, ser da área urbana e ser reconhecida pela população como referência de educação no município.

A técnica de pesquisa aplicada buscou abranger mais de 50% dos alunos, considerando serem de ensino de tempo integral, foi preciso realizar várias visitas à escola.

A princípio, foram realizadas conversas juntamente com a diretora para nortear os principais pontos a serem analisados durante o processo de investigação sobre como seriam feitas as perguntas, e a abordagem à escola para que assim pudéssemos estabelecer uma relação de parceria e confiança no sentido de facilitar o processo de aplicação do questionário, e assim, todos de forma conjunta, ajudassem a auxiliar todo o processo para que tudo ocorresse de maneira devidamente adequada.

A primeira abordagem para a realização da pesquisa foi feita com a diretora geral, que nos forneceu suporte e informações sobre a matriz curricular, e as oficinas sobre o tema bullying e racismo, ainda que não sejam um assunto novo se faz necessário a discussão em torno desses tópicos continuamente. Também foi colocado em discussão que seria necessário a participação de no mínimo 30% dos alunos para a realização da pesquisa, e desse modo, diante do exposto ficou estabelecido o interesse em aplicar os questionários com os alunos dos segundos anos por ter um maior número de pesquisados, onde atingiríamos os 30% de respostas para a coleta de dados.

As dificuldades encontradas para a inicialização da pesquisa ocorreram porque existiu uma greve dos transportes por motivos de reajuste salarial, até que voltasse a normalidade, foram longas três semanas planejando como se daria a aplicação do questionário. Houve também uma relutância do corpo docente da escola quanto a aplicação, alguns colocaram

pretextos inexistentes e outros de fato ajudaram durante o processo, entretanto obtivemos um número razoável de respostas o que possibilitou no entendimento das questões apresentadas para serem abordadas no presente capítulo.

O período de greve nos impossibilitou de realizar a pesquisa pois mais da metade dos alunos eram de povoados e apenas uma pequena parte era da área central do município, não chegando a média de 30%, ou 150 alunos que pudessem participar da pesquisa. Algumas salas eram equipadas, outras nem tanto, existiu um comentário sobre o Google forms não funcionar na escola, o que gerou dúvidas quanto a veracidade da informação, algumas salas foram colocadas juntas no auditório para responder ao questionário para ser mais ágil, em virtude do pouco tempo cedido pelos professores de seu horário de ensino. Durante todo o processo, os alunos foram deixados à vontade para responderem as questões e tirar suas dúvidas caso surgisse alguma. Ao final foi apresentado um slide com pontos referenciais a pesquisa abordando o tema principal e o momento de perguntas dos entrevistados.

Dessa forma, inicialmente, na metodologia pensada seriam aplicados questionários em sala apenas, mas dadas as condições apresentadas e o curto tempo para a realização do levantamento de dados, foi realizada uma espécie de grupo focal, onde os alunos foram reunidos em um só local, e as pesquisadoras fizeram a explanação sobre a pesquisa, o tema e alguns conceitos básicos para em seguida eles responderem aos questionários.

Contudo, essa etapa da pesquisa ajudou no processo de entendimento sobre o tema e auxiliou na compreensão sobre a importância de se pesquisar a fundo sobre o bullying racial, uma vez que não é um assunto constantemente abordado em sala de aula, muito menos citado pela gestão escolar em palestras bem como não é mencionado como um acontecimento que afete de fato a estrutura da escola.

Alguns professores deram aula normalmente enquanto apresentávamos a pesquisa, outros e alguns alunos perguntavam sobre a necessidade da pesquisa, e em dado momento percebemos o entusiasmo e a curiosidade de alguns alunos sobre o assunto. Durante toda a aplicação, percebemos que alguns alunos levaram a sério a pesquisa que lhes era apresentada, outros agiam de forma debochada e alguns ficavam curiosos quanto a necessidade desta pesquisa está sendo feita com eles. Todas as dúvidas foram tiradas e todas as questões foram respondidas apesar do notório incômodo que foi notado quanto às perguntas do questionário o que ficou claro nas respostas.

Desta forma, tratou-se de uma pesquisa analítica, com levantamento bibliográfico, documental e de dados quantitativos, a partir da compreensão da relevância do tema e da necessidade de se cercar do máximo de informações sobre o mesmo, tentando entender sua natureza social no sentido de contribuir para reflexões e futuras pesquisas na área.

### **3.2 Questões da Pesquisa**

Na perspectiva de investigar sobre o bullying e o racismo, dentro das escolas, como acontece e de que maneira são reproduzidos, surgiu a necessidade de averiguar tais questões. Desse modo, a pesquisa científica que foi realizada, auxiliou no processo da coleta de dados e forneceu as informações necessárias, para que de fato fossem esclarecidas essas questões. No intuito de analisar a frequência com que isso acontece, a elaboração do questionário para alunos de uma determinada escola foi de suma importância, para que se compreendesse a urgência de uma pesquisa que tivesse como foco de investigação os temas citados acima.

Dessa forma, ficou estabelecida como prioridade investigar sobre as relações estudantis, a fim de levantar as incidências de bullying e/ou bullying racial, averiguando se a práxis educativa e pedagógica corroborava ou não para a maquiagem do preconceito. Uma vez que definindo o que de fato é bullying racial, e o que é racismo, seria possível caracterizar suas diferenças e entender um pouco melhor sobre suas devidas penalidades, assim, a análise feita sobre a escola onde foi realizada a pesquisa, também é um fator a ser mencionado, visto que a partir dela pôde-se observar como a mesma lida com essas questões, se realmente existe uma maquiagem para o preconceito dentro de uma instituição que deveria ser um espaço seguro e o que estava sendo feito para refrear tais acontecimentos, de modo que foi possível também ser visto se existia projetos de intervenção dentro dessa escola.

Portanto, o questionário foi feito para entender um pouco melhor sobre todos esses questionamentos e trazer à tona uma possível verdade mascarada sobre uma realidade que por muito tempo foi colocada abaixo de outras questões. Durante o processo de elaboração das questões a serem levadas para a escola, muitas dúvidas surgiram em meio ao caminho, e para obtermos respostas e a melhor compressão dos pesquisados, o questionário aplicado passou por várias modificações, dessa maneira, ele foi melhorado conforme se entendia a relevância dessa pesquisa. Portanto, essas perguntas foram reformuladas e estruturadas de acordo com a necessidade de entender através dos alunos, o que eles pensavam sobre o tema e como pela visão deles seria possível achar um padrão de repetição do problema. O próprio processo de

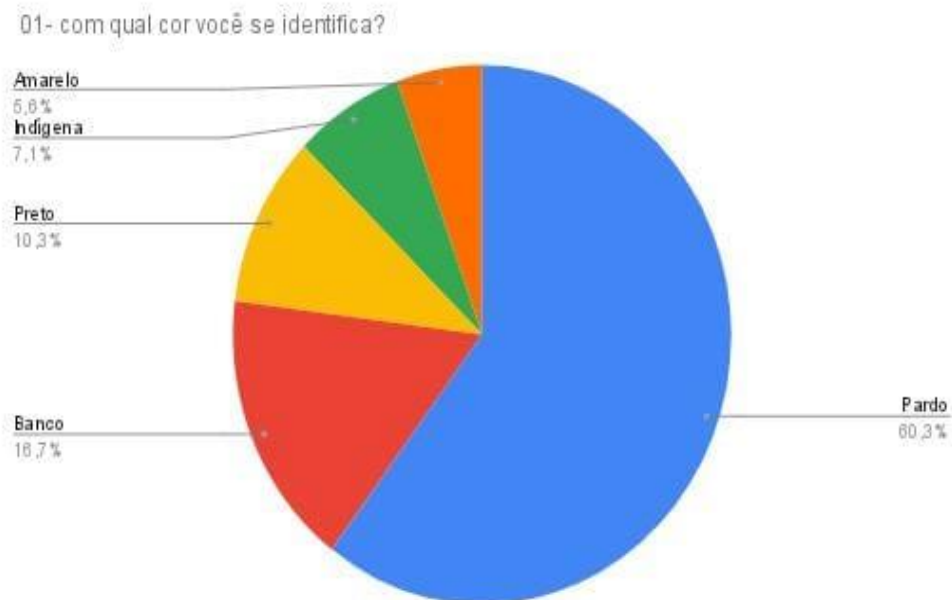
idas e vindas de reescrita e reelaboração proporcionou um aprendizado tão significativo quanto o adquirido com a leitura dos textos e documentos, evidenciado que a escrita científica é estruturada a partir das hipóteses iniciais que se refazem ao longo do percurso por força do confronto com a realidade e deve se voltar para a realizada a fim de contribuir com a sua transformação.

A princípio, a ideia inicial seria entender sobre a maquiagem do preconceito e da violência escolar, que passou a ser conhecida como bullying racial, assim seria possível entender sobre o preconceito moderno e como ele está afetando a vida dos alunos dentro das escolas, além de investigar sobre a não abordagem do problema e suas consequências.

Acerca dos problemas que o bullying ocasiona bem como o racismo e suas consequências na vida dos alunos, buscamos analisar por meio de uma pesquisa científica de campo, como seus efeitos podem ser revertidos por meio de uma intervenção efetiva e sobretudo fazer um alerta sobre a problemática entre a não associação do preconceito com a violência e como o assunto pode ser levado para dentro das escolas, para que os professores ajudem seus alunos e os transformem em pessoas melhores por meio de Instrumentos educacionais voltados para a reflexão desses temas tão sensíveis.

### **3.3 Resultados da Pesquisa**

A coleta de dados foi realizada a partir da aplicação de um questionário semiestruturado com questões abertas e fechadas, dos quais obtivemos os resultados dispostos abaixo em gráficos e tabelas. No tocante as respostas das tabelas, nem todos os alunos responderam, logo, destacamos apenas as mais relevantes para o entendimento do leitor sobre o debate proposto. Dos 126 alunos matriculados nos 2º anos do ensino médio, uma boa parte dos entrevistados não responderam a todas as questões, alguns optaram por responder apenas as perguntas objetivas. Convém informar que os nomes dos participantes da pesquisa foram substituídos por nomes fictícios para assegurar o sigilo de suas identidades.

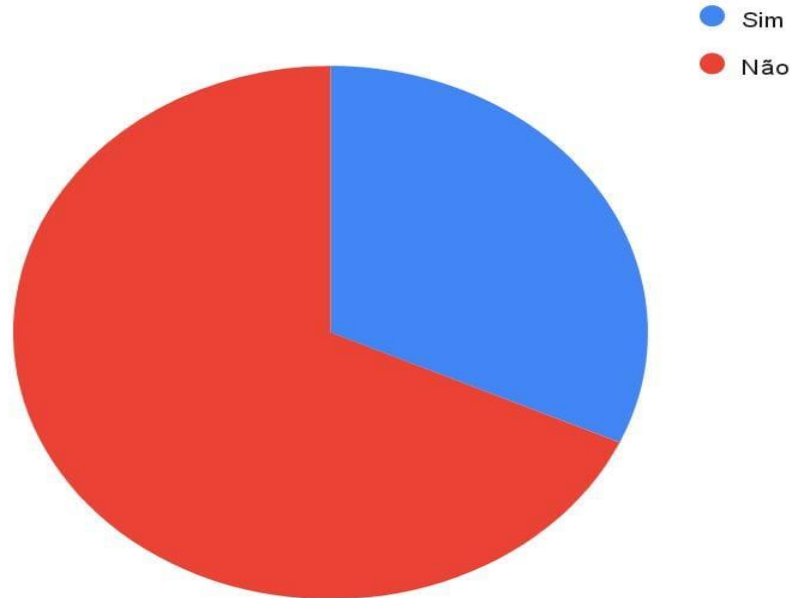


Fonte: questionário aplicado pelas pesquisadoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Quando perguntados(as) sobre a cor com a qual se identificam, conforme o gráfico abaixo, 30% responderam branco(as), 10% indígena e 50% negros(as) – conjunto das pessoas pretas e pardas – e 10% amarelos.

No que se refere ao questionamento sobre se já presenciaram alguma citação de racismo na escola, observasse o seguinte percentual, 68% responderam que sim, e 38% responderam não.

02- você já presenciou uma situação de racismo na escola?



Fonte: questionário aplicado pelas pesquisadoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Entre as pessoas que responderam afirmativamente sobre terem presenciado alguma situação de racismo na escola, encontra-se na tabela abaixo alguns dos relatos.

**RELATOS DE CASOS DE RACISMO NA ESCOLA SEGUNDO ALGUNS ENTREVISTADOS**

Entrevistado (a): jasmim	Minha amiga (que é uma mulher preta) foi questionada a respeito da nota de redação do ENEM 2022. Ela tirou 920 e uma funcionária ficou descreditada da nota dela, enquanto uma menina (branca) que tirou a mesma nota, só recebeu elogios. Minha amiga preta, também foi julgada por conta de uma blusa curta, ( a menina branca também usava roupas nesse mesmo estilo).
Entrevistado (a): Caracol	“Senti muita tristeza em ver minha amiga relatando aquela situação.”
Entrevistado (a): Manjeriçã	“Pessoas tirando brincadeiras com pessoas deficientes.”
Entrevistado (a): Estrela	“Colegas cometendo racismos com outros colegas da mesma instituição”
Entrevistado (a): Sol	“Em sala de aula”



Entrevistado (a): Constelação	"É um caso bem pessoal"
Entrevistado (a): Júpiter	"Não"
Entrevistado (a): Mercurie	"estavam " zoando " uma menina por ter cabelo crespo"
Entrevistado (a): Rosa	"Não"
Entrevistado (a): Divina	"No meio da rua em uma briga de pessoas aleatórias"
Entrevistado (a): Anja	"Vi alunos fazendo comentários racistas, mas não sei a quem era"
Entrevistado (a): Arcanjo	Já presenciei pessoas chamando outras de macaco.
Entrevistado (a): Céu	"bullying, xingamentos do tipo: ""macaco"""
Entrevistado (a): lírio	"Panas brincadeira de amigos, e os envolvidos não se importavam, principalmente o atingido, ambos brincam com suas cores, ou seja, apenas uma brincadeira de amigos."
Entrevistado (a): Mamão	"Não"
Entrevistado (a): Maçã	"Não lembro de ter visto"
Entrevistado (a): Melão	"em forma de brincadeira"
Entrevistado (a): Morango	"Chamaram um colega meu de "Macaco""."
Entrevistado (a): Pêra	A pessoa cujo diz q é uma brincadeira, citava em todo momento frases racistas .
Entrevistado (a): Oceano	"Nunca presenciei"
Entrevistado (a): Tubarão	"Chamaram alguém de macaco"
Entrevistado (a): Golfinho	"Não"
Entrevistado (a): Meteoro	"Não"
Entrevistado (a): Satélite	"Não sofria bullying"
Entrevistado (a): Laranja	Minha resposta foi não.
Entrevistado (a): margarida	"Não"
Entrevistado (a): Zebra	"Por conta de pessoas que cometem esse ato por não aceitar a cor de tal pessoa."

Entrevistado (a): Leão	“Prefiro não responder essa pergunta”
Entrevistado (a): Escorpião	“Estavam rindo de um aluno que tinha recém-chegado a escola,”
Entrevistado (a): onda	“No fundamental quando eu estudava na escola “Misseno” uma menina chamou de macaco aí falei com a diretora não resolveu nada”
Entrevistado (a): Caramelo	“Não vi acontecendo”
Entrevistado (a): Nuvem	"Apelido”
Entrevistado (a): Tempestade	“Não gosto de lembra”
Entrevistado (a): Temporal	“Foi nao”
Entrevistado (a): árvore	“Foi na rua”
Entrevistado (a): Cravo	“Na rua”
Entrevistado (a): Camelo	“Na escola uma menina í”
Entrevistado (a): Folha	“Não”
Entrevistado (a): Fada	“Na escola”
Entrevistado (a): Borboleta	“Uma menina chamando outra de preta maldita”
Entrevistado (a): Mandacaru	Xingamentos sobre a aparência, principalmente sobre o cabelo.
Entrevistado (a): Luz	"Uma amiga se sentiu ofendida por uma brincadeira feita por outra colega, que ficava usando alguns termos, que para minha amiga estaria discriminando os negros."
Entrevistado (a): Sininho	“Já aconteceu muitas vezes comigo”
Entrevistado (a): Camarão	“Sim”
Entrevistado (a): Praia	“Nao gosto de lembra”
Entrevistado (a): Rocha	“Nunca vir”
Entrevistado (a): Marte	“Foi NÃO”
Entrevistado (a): Coração	“Foi não”
Entrevistado (a) Areia	“Resposta foi não”
Entrevistado (a): Neve	“Nao presenciei”
Entrevistado (a): Raio	“Minha resposta foi não”

Entrevistada (a): Gata	“Foi não”
Entrevistado (a): Banana	“Foi não”
Entrevistado (a): Caquí	“Foi não”
Entrevistado (a): Kiwi	“Foi não”
Entrevistado (a): Abacaxi	“Foi não”
Entrevistado (a): onda	“Não passei”

Fonte: questionário aplicado pelas pesquisadoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Observa-se na fala da entrevistada jasmim que, embora, pessoas brancas e negras possam passar por situações semelhantes, apresentam comportamentos parecidos, no entanto, são os resultados e comportamento das pessoas negras que são questionados e invalidados. Como se as pessoas brancas por sua cor recebessem um cartão verde que lhes permitissem fazer quaisquer coisas sem sofrerem censura moral por parte da sociedade.

Sobre as pessoas que presenciaram ato racista: elas relataram como se sentiram quando presenciaram. A tabela abaixo irá mostrar os relatos de alguns dos entrevistados.

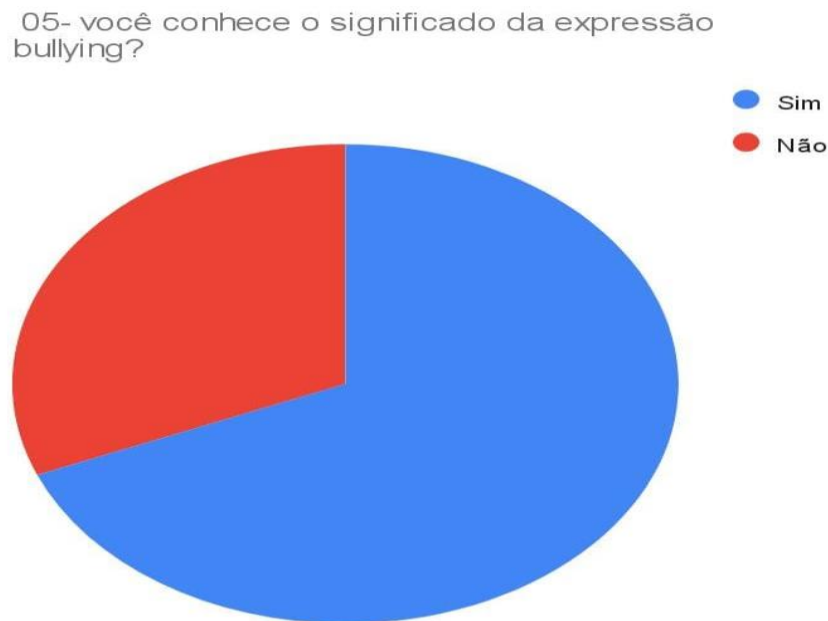
<b>RELATOS DE COMO SE SENTIRAM AO PRESENCIAREM ATOS RACISTAS</b>	
Entrevistado (a): lírio	“Nada, pois estávamos TODOS brincando (uma brincadeira saudável, caso alguém se sinta mal, a brincadeira acaba ali mesmo, porém ninguém liga nem mesmo a pessoa atingida)”
Entrevistado (a): Luz	Me senti mal por ela, pois apesar de alguns termos terem sido naturalizados em nossa sociedade, quem conhece a história dos negros e tudo que eles sofreram, sabe o peso que é pra eles esses termos.
Entrevistado (a): Morango	Fiquei incomodado e perguntei o porque o chamaram de “Macaco”.
Entrevistado (a): Zebra	“Eu fiquei constrangida por que se aconteceu tenho medo de acontecer a mesma coisa comigo.”

Fonte: questionário aplicado pelas pesquisadoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Percebemos que a entrevistada lírio compreende esse comportamento como corriqueiro e que para ela nem mesmo as pessoas prejudicadas dão importância, isso nos faz refletir a

intensidade em que o racismo está se situando em meio a sociedade a ponto de fazer calar e de achar que as situações de racismo agora estão normalizadas.

Quando perguntados se eles conheciam a expressão bullying, observa-se o seguinte percentual 68% responderam que sim, e 31% responderam que não.



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Para as pessoas que afirmaram acima ter algum conhecimento sobre a expressão bullying, foi perguntado qual era o significado. No gráfico abaixo observa-se alguns relatos do que os alunos responderam:

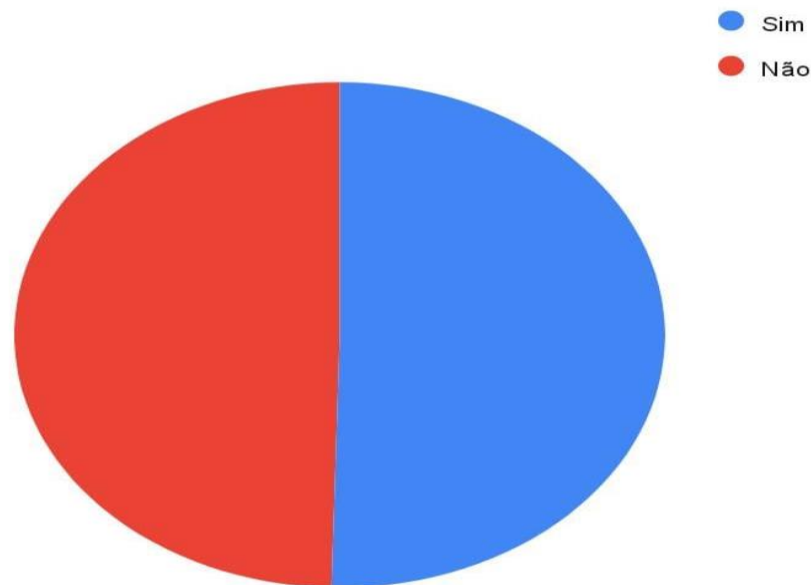
#### RELATO SOBRE O QUE SIGNIFICA A EXPRESSÃO BULLYING

Entrevistado (a): Nova York	São pessoas que ficam com preconceito e ciúmes e acabam machucando com palavras.
Entrevistado (a): chuva	Pessoas que sofrem com brincadeiras sem graça de outras pessoas.
Entrevistado (a): Lampião	“O bullying pode se apresentar de várias formas, como verbal e física. Na verbal são piadas ou comentários de mau gosto e a física é com agressões, tem também o cyberbullying, onde são feitos comentários ruim sobre você na internet.”
Entrevistado (a): Rocha	“Que isso deve parar e ter uma pena adequada para cada ato”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Quando perguntados se já presenciaram uma situação de bullying 49% falaram que não, 50% faram que sim.

07- você já presenciou uma situação de bullying?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Dos que falaram que presenciaram uma situação de bullying, foi perguntado, como e onde aconteceu abaixo estará alguns dos relatos:

#### RELATOS DE COMO E ONDE ACONTECEU O ATO DO BULLYING

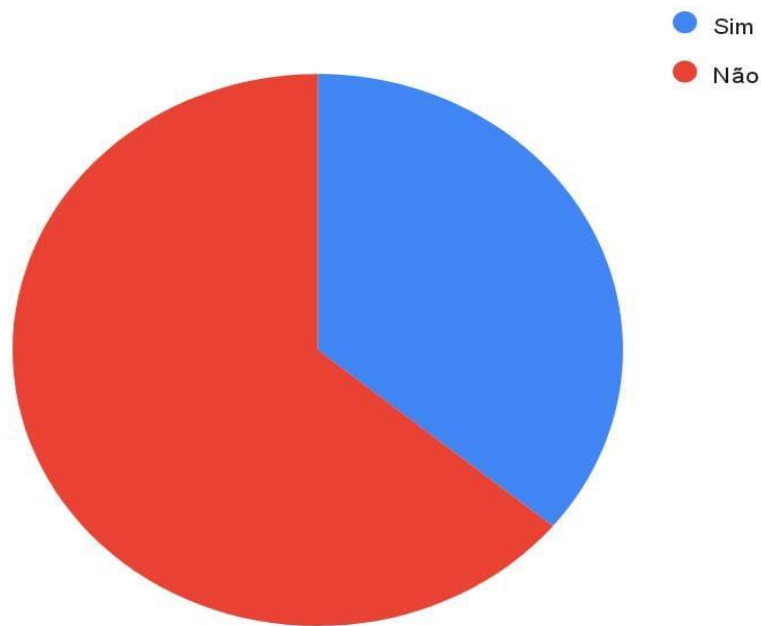
Entrevistado (a): tempestade	“É um ato de covarde”
Entrevistado (a): Camomila	Quando eu era menor aconteceu de uma coleguinha falar que o cabelo da minha “amiga” era feio, simples fato de ser um cabelo de cacho mais grosso, e por conta disso ela passou a dizer que o cabelo dela era ruim, e feio! E isso mexeu com a cabeça dela por um bom tempo.
Entrevistado (a): orquídea	Sofri bullying na escola por conta que tinha os dentes tortos.
Entrevistado (a): Oceano	“Na escola, intimidação com o próximo”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Percebe-se que o entrevistado orquídea relatou que sofreu bullying, pelo fato de ter dentes tortos, é nítido que o bullying se faz presente dentro dos muros da escola, um lugar onde era para as crianças e os adolescentes se sentirem acolhidos.

Quando perguntados se eles conhecem algum aspecto da cultura africana e afro-brasileira, 64% falaram que não, 36% falaram que sim.

09- você conhece algum aspecto da cultura africana e afro-brasileira?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Os que responderam que conheciam a cultura afro-brasileira e africana, foram questionados sobre o que eles entendiam sobre a manifestação cultural, como mostra a tabela abaixo.

#### RELATOS SOBRE O QUE ELES ENTENDEM COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Entrevistado (a): Camomila	“Tenho amigos, e no tempo me criticavam pelo fato de fazer esses tipos de movimentos culturais.”
Entrevistado (a): rocha	“Não entendo muito”
Entrevistado (a): Violeta	Capoeira, samba de roda.

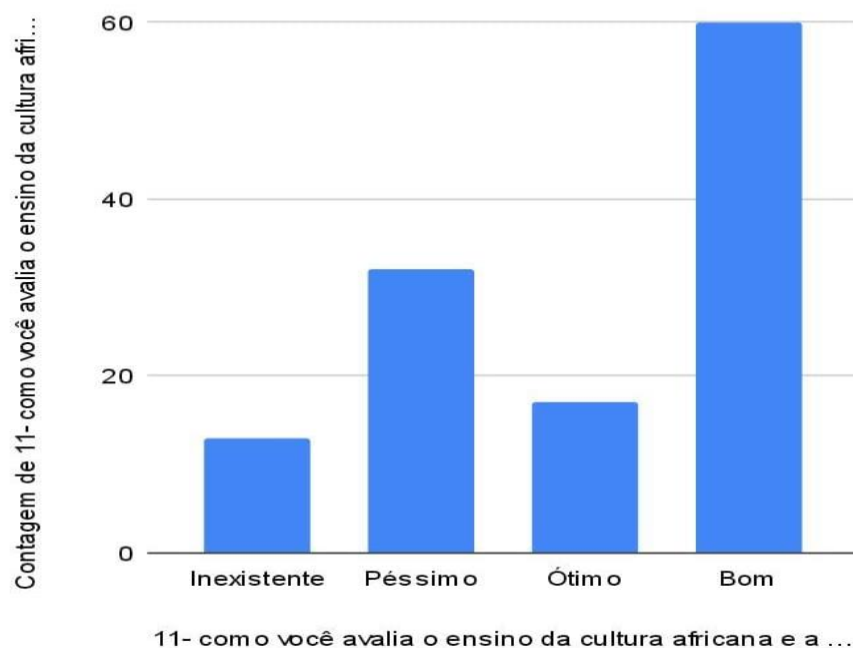
Entrevistado (a): orquídea	As manifestações culturais de origem afro-brasileira é símbolo de luta e resistência.
----------------------------	---

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Para Violeta é capoeira e samba de roda, percebe-se que cada dia que passa, se perde as lutas, e fica a imagem de um povo onde usava a capoeira como algo bom e divertido, quando na verdade a capoeira era uma forma de luta para se defender.

Quando perguntados sobre como eles avaliavam o ensino da cultura africana e afro-brasileira na escola, 49% responderam bom, 26% responderam péssimo, 13% responderam ótimo e 10% inexistente.

11- como você avalia o ensino da cultura africana e a afro-brasileira na sua escola?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Quando questionados o motivo da escolha sobre o ensino da cultura africana dentro da escola eles relataram o seguinte:

#### RELATOS SOBRE O ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA DENTRO DA ESCOLA

Entrevistado (a): Arará	“Não vejo cultura afro-brasileira na minha escola”
-------------------------	--

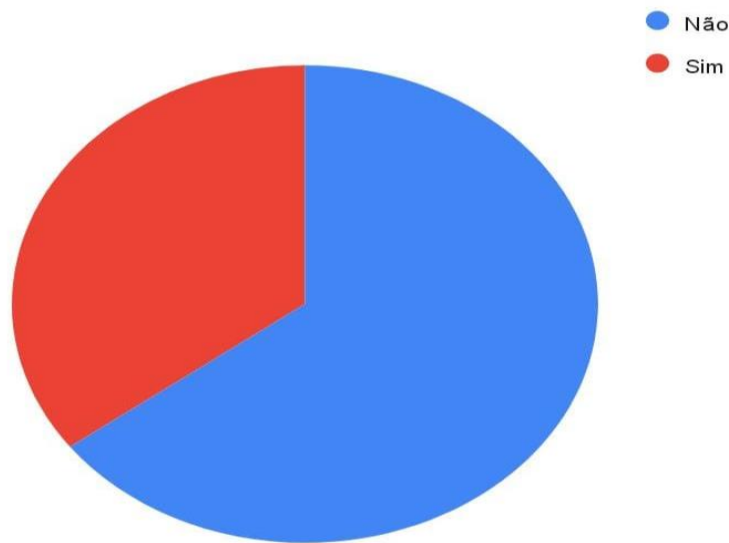
Entrevistado (a): orquídea	Não vejo o ensino da cultura afro na escola, até o meio do ano tínhamos uma disciplina que falava sobre o tema, mas tiraram a disciplina da nossa grade.
Entrevistado (a): Viola	A cultura Afro-brasileira não é muito comentada nas escolas, então as pessoas não tem o conhecimento necessário
Entrevistado (a): Rio	Não estudamos isso!

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

A entrevistada orquídea relata que mal é falado na escola, tem como um tabu, infelizmente essa tem sido uma realidade dentro dos da escola e até mesmo das salas de aula.

Quando questionados se eles se sentem representados dentro das atividades escolares na escola, 64% responderam não 35% responderam sim.

13- você se sente representado na sua escola a partir das atividades escolares?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Alguns alunos não responderam a este tópico, com isso obtivemos o número acima de respostas para essa pergunta.

**RELATOS DA FORMA QUE OS ALUNOS SE SENTEM REPRESENTADOS DENTRO DA ESCOLA**



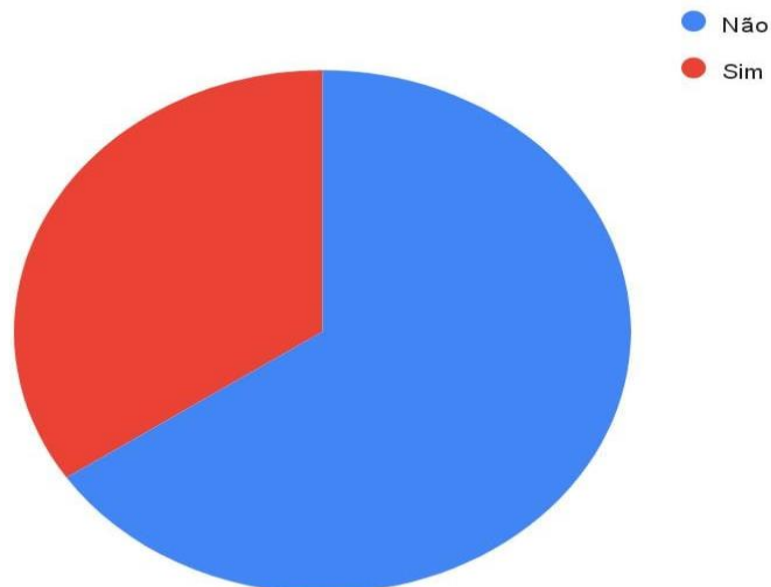
Entrevistado (a): Viola	Costumes parecidos.
Entrevistado (a): Raio	“A escola da espaço para os discentes participar e debater sobre vários tipos de temas.”
Entrevistado (a): Luz	Nas datas comemorativas, na representação através dos escritores etc.
Entrevistado (a): Rocha	“NÃO mim sinto representado”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

A entrevistada Luz relata que ela se sente representada apenas nas datas comemorativas e através dos escritores que ela costuma ler, dessa maneira podemos perceber que a representatividade dentro das escolas ainda está bastante associada nas datas e não de fato ao currículo da instituição.

Quando questionados se dentro da biblioteca escolar eles tinham fácil acesso a livros voltados para cultura africana ou afro-brasileira 65% responderam que não 34% responderam que sim.

15- na biblioteca da sua escola é fácil encontrar livros sobre a cultura africana e afro-brasileira?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Aos que responderam que sim, que dentro da biblioteca escolar, era fácil encontrar livros relacionados a cultura africana e afro-brasileira, foi questionada quais livros são encontrados, vejamos na tabela abaixo alguns relatos do que foi respondido.

**RELATOS DE QUAIS LIVROS DA CULTURA AFRICANA OU AFRO-BRASILEIRA TEM NA ESCOLA**

Entrevistado (a): Lírio	“Zumbi dos Palmares”
Entrevistado (a): Jasmim	“Pouquíssimos livros que relatam sobre, e nunca é de forma condizente a situação brasileira”
Entrevistado (a): Praia	“Não lembro do nome”
Entrevistado (a): Onda	“ Não tem livro não”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

A entrevistada Jasmim relata que possui pouquíssimos livros e que não demonstra verdadeiramente a verdade existente no Brasil, percebemos que falta acervos de conscientização dentro das paredes escolar.

Quando questionados se já leram algum livro da cultura africana ou afro-brasileira, e se gostaram, veja abaixo o que relataram:

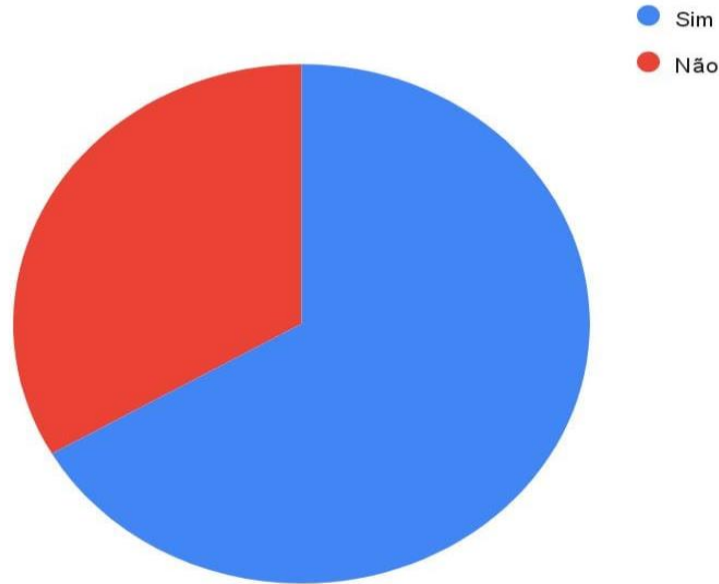
**RELATOS SE JÁ LERAM ALGUM LIVRO SOBRE A CULTURA AFRICANA**

Entrevistado (a): Sol	“Nunca li”
Entrevistado (a): Granola	“Não me lembro de já ter acessado algum livro relacionado a este assunto.”
Entrevistado (a): Lua	“Sim, gostei de aprender sobre”
Entrevistado (a): Anja	“Não tenho interesse”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Quando questionados se assuntos como bullying e racismo são abordados dentro da escola, 66% responderam sim 33% responderam não.

18 - assuntos como o racismo e o bullying são abordados na sua escola?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Aos que responderam que assuntos como bullying e racismo são falados dentro da escola, foi perguntado de que forma, veja o que alguns responderam na tabela abaixo:

#### RELATOS DA FORMA QUE A ESCOLA ABORDA ASSUNTOS COMO BULLYING E RACISMO

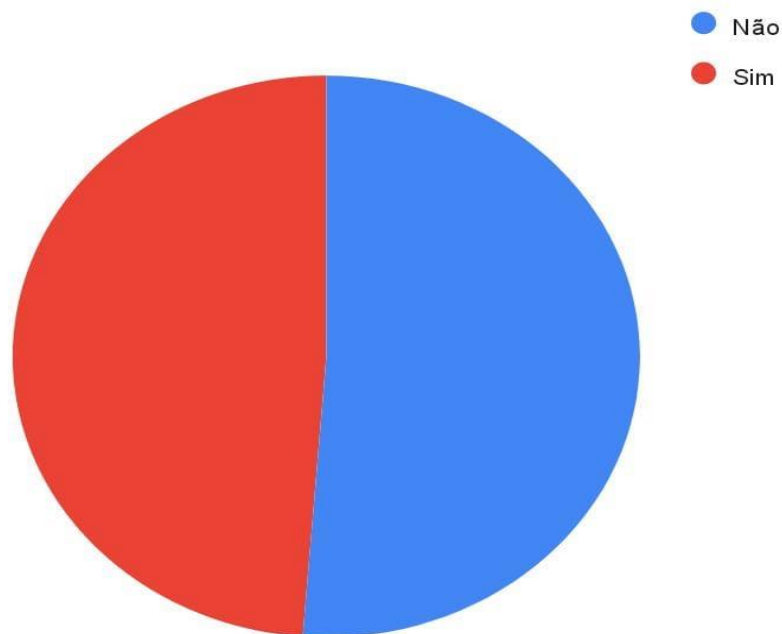
Entrevistado (a): Jasmim	“Através de cartazes e projetos integradores”
Entrevistado (a): azaleia	“Palestras e trabalhos principalmente nas aulas de Geografia”
Entrevistado (a): flor de cerejeira	“Abordadas por trabalho de escola e PI”
Entrevistado (a): Mar	“Palestras e aulas”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

A entrevistada azaleia relata que a abordagem se dá através de palestra e trabalhos nas aulas de geografia, reforçando aqui que dentro do ambiente escolar existe professores que entendem do assunto.

Quando questionados se a escola é um espaço acolhedor, 48% responderam que sim 51% responderam não.

20 - você sente que a sua escola é um espaço acolhedor?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Quando questionados o porquê de se sentir ou não acolhidos dentro da escola, alguns relataram abaixo suas opiniões.

<b>RELATOS DO PORQUE SE SENTI ACOLHIDO (A) OU NÃO NA ESCOLA</b>	
Entrevistado (a): Granola	Não me sinto totalmente à vontade para me expressar.
Entrevistado (a): Terra	Porque em caso de algumas experiências tipo assédio ou racismo eles não tomam atitudes justas, eles tentam afastar.
Entrevistado (a): Carambola	Eu me sinto acolhida, mas vejo que há outras pessoas que não se sentem. Então é e não é um espaço

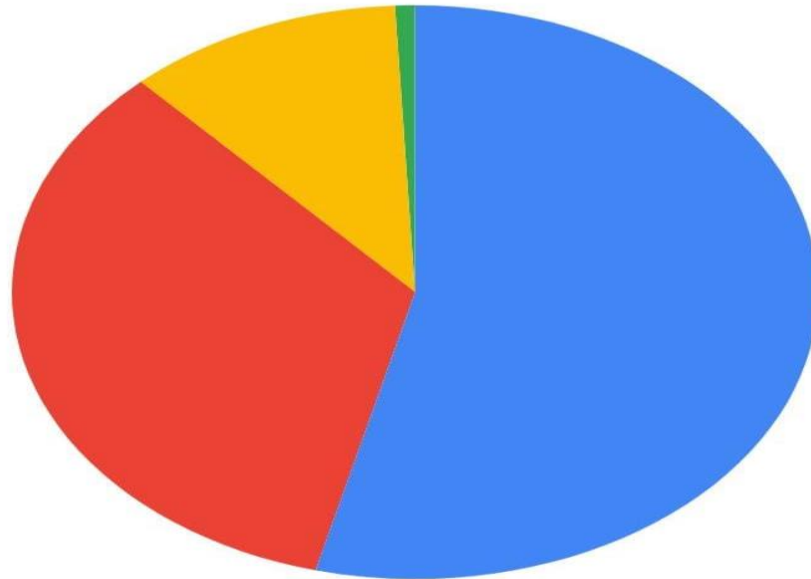
	acolhedor.
Entrevistado (a): Mercurie	“Algumas pessoas são bem acolhedoras”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

A entrevistada Carambola relata que se sente acolhido, porém percebe também que outras pessoas não se sentem assim. E isso pode ocorrer por causa da religião, cor, limitações, ou seja o lugar que deveria acolher se torna o lugar que eventualmente não acolhe.

Quando questionados com que frequência eles se colocam no lugar do outro, 54% responderam muita, 34% responderam pouca, 11% nenhum momento.

22- com que frequência você se coloca no lugar do outro?



Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

Quando questionados de que forma eles se colocam no lugar do outro, veja os relatos abaixo de alguns dos participantes:

#### RELATOS DA FORMA DE SE COLOCAR NO LUGAR DO OUTRO

Entrevistado (a): Júpiter	É sobre ter empatia, sobre não pensar apenas em mim
---------------------------	---

	mesma.
Entrevistado (a): Docinho	Porque quando eu passo por qualquer tipo de situação ninguém me ajuda.
Entrevistado (a): dente de leão	Não me coloco, porque ninguém se coloca no meu.
Entrevistado (a): margarida	“Não sei explicar”

Fonte: questionário aplicado pelas autoras, Amanda Alves e Andreza Souza, 2023.

O entrevistado João relata que não se coloca no lugar do outro porque ninguém se coloca no lugar dele, dando a entender que sempre haverá pessoas que não vão se importar com o próximo.

### 3.4 Análise dos Dados Levantados

De acordo com a pesquisa realizada foi possível perceber as nuances do racismo enraizado dentro da escola e por quais meios ele atua. Por outro lado, o bullying age como um intercessor para repercutir as ações do racismo e reafirmá-lo cada vez mais. Uma vez que a escola é um dos lugares onde os alunos passam uma boa parte do seu tempo, ela se torna um lugar propício para as repetições das agressões físicas e verbais, pois o convívio com diferentes pessoas com seus costumes e crenças, às fazem um alvo fácil para os que cometem os ataques.

É evidente que a escola oferece em seu currículo oficinas e palestras sobre os temas, na conversa inicial com a gestão isso foi verificado, no entanto, isso nem sempre é o suficiente, pois quando o racismo é estrutural ele tende a se camuflar e assim se repetir, mesmo que o sujeito não reconheça suas próprias falas racistas. Desse modo, a pesquisa buscou analisar como isso acontece, por quais meios o bullying e o racismo estão interligados, como são reproduzidos e de que maneira seria possível refreá-lo. Portanto, destacamos algumas respostas dos alunos e como elas agregam a discussão. Vejamos abaixo a análise de alguns comentários onde é possível notar o quanto o bullying e o racismo estão interligados dentro do ambiente escolar e de que forma eles estão sendo praticados.

Na fala do participante “Nova York” percebe-se que ele assemelha o bullying com o sentimento de ciúmes. Talvez, com essa afirmação, ele queira fazer uma comparação com atitudes de inveja. Ou seja, quem pratica o bullying logo se sente ameaçado de alguma maneira pela vítima, e na tentativa de sobressair acaba praticando as agressões. Essa fala chamou

bastante atenção pois nos fez refletir por outro ângulo a ideia de bullying, mostrando não só apenas o lado da vítima como também do agressor. Lembrando que as agressões não são o melhor caminho para alcançar algum objetivo plausível para a vida pessoal de cada indivíduo ou mesmo uma forma de se proteger, entendendo que a agressão é um crime com tipificação penal.

Na fala da entrevistada “Sol” nota-se que ela relata que nunca leu um livro sobre a cultura Afro-brasileira, afro ou africana. Isso reforça que os jovens infelizmente não procuram saber sobre a cultura e muito menos sobre a riqueza que existe por trás dela. Vale reforçar que a escola tem uma biblioteca a disposição dos alunos, no entanto, como já vimos, não disponibiliza livros suficiente voltados para a cultura Afro-brasileira por possuir um acervo limitado mesmo que a escola reforce o conhecimento do tema através de oficinas e palestras.

Desse modo, a fala da entrevistada “Luz” nos traz a percepção de como a sociedade tem se comportado quanto a repercussão do racismo que se torna cada vez mais evidente, uma vez que ela diz quê – “uma amiga se sentiu ofendida por uma brincadeira feita por outra colega que ficava usando alguns termos que para a minha amiga estaria discriminando os negros” desse modo, podemos perceber o incômodo da entrevistada com o relato da sua amiga, e também o incômodo da amiga que presenciou o ato de preconceito. Com isso, é possível reafirmar que o racismo está presente em muitos momentos da vida dos sujeitos sociais, no entanto, isso não impede uma pessoa de combatê-lo.

Entretanto o bullying como agente primário da agressão está presente dentro das escolas agindo de forma secundária em relação ao racismo. Desse modo, quando percebemos a relação entre bullying e racismo é notável que eles estejam interligados e ao fazer essa ligação notamos como é de extrema importância levantar os assuntos que visem priorizar esses temas como tópicos sensíveis para que não sejam repetidos.

Dessa maneira, quando se observa e analisa os gráficos, a partir dos dados levantados, podemos perceber a quantidade de alunos que já sofreram ou ainda sofrem os reflexos do bullying racial. 50% dos alunos responderam que já presenciaram uma situação de bullying e isso nos faz refletir sobre como esse tipo de agressão é contínua dentro das escolas, outros 64% dos alunos afirmaram como não se sentem representados pela escola revelando assim que embora a escola seja um ambiente onde aparentemente os jovens se sentem confortáveis de certo modo eles também se sentem oprimidos. Dessa forma, a pergunta do gráfico vinte falando

sobre o acolhimento onde 51% dos entrevistados responderam que não se sentem acolhidos, nos fez entender a forma como a escola é o ambiente intermediador entre as agressões, pois, mesmo que ela não seja adepta aceitar tais feitos, ela ainda é o espaço de convívio daqueles que os cometem, desse modo, precisa ter um olhar atento e acolhedor para com as vítimas e reeducar as relações em seu interior para construir novas experiências educativas.

Neste sentido, é preciso fazer uma reflexão sobre o tipo de educação que existe e o tipo de educação que pode vir a existir. Educação essa que pode ser voltada para uma ação pedagógica que valorize o aluno, o represente e o acolha. De certo modo precisamos entender a necessidade de se ter um Projeto Político Pedagógico que valorize uma educação voltada para os princípios dos valores sociais e toque em assuntos relacionados ao bullying racial.

#### **4. COMBATENDO O BULLYING RACIAL**

Para compreender o bullying racial, primeiro é necessário analisar um conjunto de informações que fez com que o termo passasse a existir tanto dentro das escolas como na sociedade de um modo geral. Após a independência do Brasil e a Proclamação da República, temos aproximadamente 297 anos até a assinatura da primeira lei federal de número 10.639 de 2003, que em seu enredo instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura brasileira em todas as suas instituições de ensino, portanto valorizar a participação dos negros na constituição deste país.

Considerando que o racismo no Brasil, é forte e explícito, é necessário que a rede de ensino tenha um olhar apurado quanto ao seu currículo, pois as desigualdades raciais estão estruturadas tanto dentro da escola como fora dela, e isso não se resume apenas às violências verbais ou físicas, mas também podem ganhar proporções de cunho criminoso. Quando o currículo escolar se torna indiferente a esta realidade, ele também silencia diante do racismo estrutural e reproduz o racismo institucional. É sobre estas questões que este capítulo vai tratar, no sentido, de evidenciar a necessidade do combate ao bullying racial e a importância do papel da escola nesse combate.



#### 4.1 O Papel da Escola

O bullying como mencionado anteriormente, pode ser entendido como um comportamento individual ou coletivo, pode ocorrer por questões que se enraizaram no seu meio familiar ou outros fatores como psicopatologias, e mudança de personalidade, entretanto acontece de forma derivada e se transfere para uma ação violenta a partir da seleção de pessoas que sofrerão tais ataques. Quando se trata do bullying racial, as vítimas são escolhidas pelas marcas identitárias relacionadas as suas raízes e ancestralidade sócio racial.

Segundo o autor Moacir Cesar Kuhlkamp (2015),

De acordo com Lopes Neto (2005), a classificação dos agentes participantes do bullying escolar será de acordo com a sua conduta perante o outro. A vítima típica é a primeira a ser identificada, é aquela que na maioria das vezes possui uma conduta calma, muito retraída e pouca habilidade em socializar-se, e por isto, nunca reagem contra seus agressores. Essas vítimas sentem dificuldades em impor-se ou denunciar o que está acontecendo. Estas vítimas apresentam características marcantes como: são muito altas ou muito baixas, são magras demais ou muito gordinhas, apresentam algum defeito físico que se destaca, usam roupas fora da moda, é de raça, credo ou condição socioeconômica diferente das demais. Em geral, não reagem, mas apresentam comportamento diferente ao que tinha como desinteresse em ir para a escola, baixa das notas, baixa alta estima entre outras anomalias psicológicas (Kuhlkamp, 2015, p.18)

Esse sistema complexo que envolve a constituição da vítima, fica ainda mais acentuado quando se trata do bullying racial, pois, está envolto no manto da democracia racial, na falsa ideia de que não há racismo no Brasil. De fato, a ideia de democracia racial existente no país juntamente com uma identidade de cultural brasileira, continua sendo propagada, embora com menos força. Entende-se que essa é uma história narrada e contada de forma subjetiva e violenta, e essa narrativa se perpetuou durante os séculos, consolidando dessa maneira um processo em que o povo negro e indígena só veio a de fato ter seu local de fala, seus direitos e sua liberdade assegurada após um longo e cansativo período de lutas dos movimentos sociais para que isso fosse conquistado.

Dessa maneira a obrigatoriedade de temáticas voltadas para a história afro-brasileira e indígena é uma conquista consolidada para ser assunto dentro das salas de aula e incluída no currículo oficial das redes de ensino, mas, ainda insuficiente no combate ao bullying racial.

O bullying racial, se caracteriza como assédio, uso de linguagem pejorativa que busca atacar pessoas pelo tom de sua pele, além da exclusão e isolamento evidente das vítimas entre os demais colegas. Portanto, faz necessário existir um combate massivo nas escolas para evitar esse tipo de situação, nada mais nada menos que priorizar um ambiente saudável – de respeito às diferenças e marcas identitárias – dentro da escola para que dessa forma possa existir um convívio seguro acolhedor.

Os casos de bullying racial não são casos isolados, uma vez que existe a intersecção entre as categorias de raça/etnia, sexualidade, gênero, território, classe social entre outras. Esses são fatores que potencializam o bullying racial, e o grau de violência dele decorrente, por isso, a atuação da escola é tão importante. Lopes (2001, p. 188) diz que “A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia”, isto significa “respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania.” (Idem).

Todavia, se faz necessário construir um conjunto de ações transformadoras, que visem acabar com o preconceito e a discriminação dentro das escolas. Entretanto, também é preciso fomentar políticas públicas que priorizem pessoas que sofrem ataques frequentes de bullying e racismo e auxiliem o trabalho da escola e assim garantir o direito à uma educação de qualidade para essas pessoas, que muitas vezes desistem de sua educação apenas para conseguir lidar mentalmente com ataques tão diretos e ofensivos.

A implantação efetiva das ações afirmativas no currículo escolar é uma das medidas de proteção às vítimas do bullying racial, nesse bojo, a lei 10.639 de 2003 pode ser uma importante ferramenta de coibição do olhar negativado sobre a diversidade racial.

A não implementação da Lei 10.639/2003, assim, pode ser perceptível no trato burocratizado e isolado dos projetos étnico-raciais nas escolas (geralmente atrelados às datas comemorativas) e no silenciamento dos conflitos raciais no cotidiano escolar e na dinâmica curricular. Mas também, e sobretudo, nas Formas em que se delineia o racismo brasileiro. Racismo cuja placidez dissimula as práticas discriminatórias e recompõe o jogo entre a vítima e o agressor, banalizando o ato racista em favor do agressor. Em outras palavras, naturaliza a Violência e legitima os lugares sociais que a vítima e o agressor ocupam na sociedade. No Brasil, a população negra continua

invisível, da mesma forma que sua participação na construção da sociedade permanece oculta (Bernardo, Maciel, 2015, p.192).

Compreende-se que o corpo docente para fazer valer a inclusão não apenas de debates, mas também de prevenções ao bullying racial precisa estar atento às leis que vigoram contra essas violências e adotar métodos que priorizem jovens e crianças a trabalharem em conjunto por uma educação antirracista e antiviolaência, alertando sobre as possíveis penalizações que esses atos acarretam. Dessa maneira, se faz necessário existir um conjunto de ações pedagógicas que possam contribuir para o processo de formação desses alunos, para garantir que esses assuntos sejam de fato abordados, juntamente com a família, com o apoio de instituições de assistência e políticas públicas focalizadas, que priorizem o bem-estar dos alunos para que eles se sintam de fato acolhidos pela instituição e pela família.

O preconceito e o bullying infelizmente fazem parte da rotina escolar de diversos jovens e crianças, são uma problemática social que vem preocupando gestores, educadores e pesquisadores, visto que existe uma noção tradicional que enxerga tais questões apenas como caso de polícia, sem uma preocupação com a reeducação das relações sociais. Portanto, se faz necessária a colaboração entre os pais e a escola para que dessa forma seja desconstruído o cenário de violência e preconceito que por muito tempo ganhou força no espaço escolar, e a escola por sua vez precisa fazer o papel de desconstruir os estereótipos para nortear seus alunos sob um caminho que priorize a educação antirracista e os orientem no sentido da prevenção tanto do bullying quanto do racismo como problemas a serem superados e não perpetuados.

Quando racismo e bullying se tornam práticas corriqueiras e são vistos como simples brincadeiras de criança, se tornam hábitos comuns, significa que se tornaram práticas normalizadas e que estão sendo banalizadas, daí quando casos de violência física acontecem, parecem pegar a escola de surpresa, no entanto, são apenas a ponta do iceberg de algo latente empurrado para debaixo do tapete. Noutras palavras, são vistos como brincadeiras que por muitas vezes passam despercebidas aos olhos dos responsáveis e pela escola. E só ganham um campo de visão quando algo mais grave chega a acontecer, portanto, é dever da escola estar sempre atenta aos seus alunos quanto a esse tipo de comportamento.

Sabemos que o racismo é estrutural e, portanto, está enraizado dentro da nossa sociedade. Assim como o bullying é uma sequência de atos repetitivos e agressivos o racismo também se mescla dentro dos atos violentos do bullying e a consequência dessas duas violências

resulta em um agravante criminoso. Todavia, a escola precisa estar disposta a discutir tais assuntos, e a proteger e educar para a cidadania.

A escola era vista como um lugar seguro para apreender, para desenvolver habilidades intelectuais, para fazer amizades, não esperando que todas aquelas brincadeiras inocentes que muitos são coniventes com os apelidos, poderia causar graves traumas e se transformar em algo tão ruim. Hoje pouco se sabe do que pode acontecer dentro da escola (Oliveira, 2012, p.17)

Se faz necessário a escola ter um discurso pertinente quanto ao bullying e ao racismo, pois é dever da escola preparar esses alunos para a sociedade, uma vez que é dentro da escola que os alunos irão consolidar a maior parte de sua formação como sujeito ativo dentro de uma sociedade que é estruturalmente racista, e para que eles não se tornem reprodutores do racismo. É dever tanto da escola como da família garantir que sua educação seja voltada a valores e princípios que os ajudem a não praticarem falas, atos e gestos tão cruéis contra seus semelhantes e que possam se integrar plenamente à sociedade.

Desde a abolição da escravidão, os negros sofrem com todos os tipos de ataques que ferem seus direitos e os impedem de ter uma vida comum bem como a dos brancos. O que gera incômodo é que isso acontece nos bastidores de instituições que deveriam zelar pela liberdade e segurança dessas pessoas. A escola, como espaço de socialização do conhecimento e esclarecimento sobre o racismo e sobre o bullying, e várias outras questões que os envolvem, deveria estar à frente no combate cotidiano das práticas que oprimem e menosprezam os sujeitos por serem quem são, por suas características singulares. Embora a escola procure proporcionar conteúdos e metodologias que tentam de certa forma promover palestras e oficinas voltadas ao tópico do bullying ou do racismo, é perceptível que ela sozinha não consegue gerar um impacto grande e positivo quanto ao assunto, uma vez que ela é apenas um dos locais de vivência de seus alunos, entretanto ela pode dar o pontapé inicial na construção de uma educação antirracista e antiviolença.

O trabalho exercido pela escola deve ser de comum acordo com a família, contando com a sua presença e participação. Se a família se isenta de toda responsabilidade, a escola vai entrar ainda mais em decadência. Um dos grandes desafios que a escola enfrenta além da isenção dos pais, da falta de interesse dos alunos é o aumento da violência dentro do ambiente. Isto que muitas vezes nada mais é do que um reflexo da vida social do aluno (Oliveira, 2012, p.18)

Concorda-se com a autora, e acrescenta-se que além da escola e da família, é preciso que o poder público, por meio de suas instituições, auxilie a escola, uma vez que a violência e o bullying racial, não são fenômenos que existem apenas na escola, é exatamente por fazerem parte da sociedade que eles adentram a escola. Então, precisa haver um esforço conjunto de todos.

Do ponto de vista da educação formal, a escola, precisa atuar com os instrumentos que possui e o principal deles é a formação, neste sentido investir na formação de alunos e de suas famílias, em outros termos, é necessário que a escola tenha um posicionamento forte para combater tais atos dentro de seus muros, investindo em uma educação antirracista e antiviolença.

Dessa maneira, é preciso encontrar novas metodologias de ensino, focadas no acolhimento e no respeito para que as crianças e os jovens possam replicar esses ensinamentos em suas vidas, partindo do pressuposto de que somente com uma educação que forma para a cidadania é capaz de garantir uma formação qualificada para se estar em sociedade e convivendo em harmonia com os demais sujeitos ativos que a compõem. Neste sentido, é necessária uma prática que eduque para o convívio em sociedade.

#### **4.2 Por uma Educação Antirracista**

Durante muito tempo, questões relacionadas ao racismo e ao bullying, têm sido assuntos “maquiados” e sobrepostos para que não tenham ênfase ou importância quanto ao seu debate. Muitas vezes, esses assuntos aparecem no contexto histórico, porém, não são abordados de forma adequada ou são colocados como assuntos de baixa importância. Isso faz com que sejam tratados como um simples preconceito e oculta na maioria das vezes os agravantes que tais atos acometem. A escola, é o local, onde jovens e crianças passam a maior parte do seu tempo, portanto, assuntos como esses precisam ser debatidos pelo corpo docente, entretanto, também é nesse local que um “pincel maquiador” é passado para descontextualizar o agravante de tais ações, levando em consideração que os traumas físicos e psicológicos marcam a vida dos alunos se faz necessário que exista no ambiente escolar uma narrativa juntamente com um conjunto de ações transformadoras que proteja quem sofre tais ataques. Uma vez que o bullying e racismo, todavia, são atos considerados crimes previstos em lei, e suas ações e consequências desbloqueiam uma série de traumas em suas vítimas, é de suma importância que suas discussões

se façam presentes no ambiente escolar e em toda a organização da educação. Dessa forma, Bell Hooks cita quê;

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito ou de outro que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora (Hooks, 2013, pág. 63)

Considerando que a literatura é um dos campos mais presentes no ambiente escolar pode-se notar que a literatura infanto-juvenil, por meio de seus textos, busca ajudar na formação de identidade de crianças e jovens quanto ao seu processo de entendimento sobre si mesmo e sobre o próximo. Conseqüentemente, a literatura se torna uma porta de abertura para a realidade desses alunos onde eles encontram um leque de informações para consolidar o seu processo de formação pessoal. Portanto, assuntos como bullying e racismo na literatura precisam se fazer presentes pois estão escassos dos livros infanto-juvenil, logo não aparecem também nos livros didáticos.

Um dos autores que obteve bastante destaque na literatura infanto-juvenil para a abordagem de assuntos como a cultura brasileira e raízes raciais, foi o autor Monteiro Lobato e analisando o ponto de vista em que o autor escrevia seus contos, é possível compreender que a literatura para crianças e adolescentes passou por uma grande mudança no decorrer do tempo, e fez com que o próprio autor se tornasse um marco literário na história da literatura, onde por meio de suas muitas obras, utilizou linguagem acessível e abordou temas importantes como o racismo, especialidades como o autismo, a morte, o abuso sexual e o preconceito, além de variar entre as tendências e a realidade cotidiana das situações do decorrer do dia. “A literatura pode ser compreendida como a expressão escrita da vivência humana, de modo que “a língua como instrumento de comunicação entre os indivíduos traduz as representações sócio-históricas e culturais de uma sociedade”, conforme Explica Barreiros (2010, p. 2).

A literatura na educação, sem sombra de dúvidas é uma das maiores ferramentas que consolida o ensino ofertado para jovens e crianças. Mas ela ainda não é perfeita, ainda podemos perceber os resquícios precipitados de uma abordagem preconceituosa quanto ao negro e sua representação social inferiorizada. Um exemplo é a obra de Monteiro Lobato, é preciso compreender que a questão racial trazida por Monteiro Lobato em seus contos, a exemplo do Sítio do Pica Pau Amarelo, se enquadra no eugenismo presente no país e do ideal de branqueamento daquele período. A obra, apresenta as personagens negras com formas animais, negativas, adjetivadas com características como preguiça, malandragem entre outras depreciativas em comparação às características das personagens brancas, sempre positivadas e como referência do belo, do bom e de inteligência. Os quitutes da Dona Benta, são preparados por tia Anastácia, mas, a fama recai sobre a Dona Benta. A personagem tia Anastácia, embora seja vista como da família, também é colocada na condição de subalterna, entre outros exemplos possíveis na referida obra. Desta forma, ao ler esse texto na escola os professores precisam desconstruir, junto com seus alunos esses estereótipos e apresentar, em contraponto, outros textos da literatura infanto juvenil, que apresentem o negro e sua cultura de forma positivada, para que o racismo e o bullying racial não sejam naturalizados na escola. Dessa forma a autora Bell Hooks afirma que:

As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas rotineiras como “naturais” e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as com um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. Uma vez que ainda não entendem nossas práticas sociais como inevitáveis, não vem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira (Bell, 2013, p.83)

Desse modo, a lei de número 10.639/2003, aborda que se faz necessário existir o estudo da história afro-brasileira tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, e tira de foco o ensino infantil. Mas também é preciso ter o prévio conhecimento de que as crianças nos seus primeiros anos de formação, visando com precisão entre os quatro e cinco anos de idade, onde já desenvolvem a capacidade de entendimento e logo esses assuntos já deveriam ser introduzidos na sua educação, mas por não serem mencionados, os assuntos como o racismo, a cultura africana e a cultura Afro-brasileira, logo os mesmos não são abordados o que causa uma sensação de não pertencimento fazendo com que esses alunos também não sejam imunes a praticar o ato racista. Conseqüentemente por não existir muitas narrativas na literatura que abordem sobre o bullying ele também é um problema que irá desencadear uma série de

eventualidades que podem afetar seriamente a vida dos alunos que sofrem e que praticam o ataque.

De acordo com Paulo Freire (2002) o ato de ensinar exige que essa prática tenha reconhecimento quanto a assumir uma identidade cultural. Em outros termos, para que seja possível reconhecer um processo de formação que leve em consideração a plena formação do aluno, deve existir a valorização e o respeito pela sua identidade, uma vez que se parte do pressuposto de que é preciso incluir os alunos nas atividades curriculares da escola também se faz necessário promover sua história, e logo ele retribuirá com interação e com o seu pleno desenvolvimento.

É interessante estender mais um pouco a reflexão sobre a assunção. O verbo assumir é um verbo transitivo e que pode ter como objeto o próprio sujeito que assim se assume. Eu tanto assumo o risco que corro ao fumar quanto me assumo enquanto sujeito da própria assunção. Deixemos claro que, quando digo ser fundamental para deixar de fumar a assunção de que fumar ameaça minha vida, com assunção eu quero sobretudo me referir ao conhecimento cabal que obtive do fumar e de suas consequências. Outro sentido mais radical tem a assunção ou assumir quando Digo: Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante. (Freire, 2002)

Portanto, para que exista uma educação voltada para o domínio das leis e de ações afirmativas que prezam por questões que rotineiramente são maquiadas para não serem abordadas dentro do ambiente escolar, se faz necessário que desde a educação infantil tais questões sejam abordadas, mas, mais que isso, sejam vistas como conteúdo de valor, levando em consideração o fator da representatividade que tais questões geram nas crianças fazendo com que ela se enxerguem dentro de uma sociedade que por muito tempo excluiu essa grande parte da população.

[...] José Licínio Backes em seu artigo intitulado Os estudos étnico-raciais e a ressignificação do currículo da educação básica, fruto de uma análise em 77 trabalhos aprovados pela ANPED, afirma que os estudos são enfáticos ao mostrar que no currículo da Educação Básica, houve e continua havendo práticas de racismo, seja por parte de educadores, sejam entre alunos, sem que haja uma preocupação em educar para uma educação antirracista. São práticas camufladas, vistas como “brincadeiras”, como “naturais” ou simplesmente não são percebidas. Mesmo quando percebidas, costuma haver um grande silêncio sobre as práticas racistas. É sabido que, de um modo geral, o currículo trabalhado na Educação Básica organiza-se a partir da cultura hegemônica, que cotidianamente circulam estereótipos sobre os negros, contribuindo para



a inferiorização dos mesmos onde a discriminação acontece de forma implícita trazendo um silenciamento de tais práticas (Jane Célia, B. Cunha, 2016, p.45)

Contudo, muitas crianças vivenciam tanto o bullying quanto o racismo dentro das escolas. Nesse contexto, é preciso existir nesse ambiente, um espaço onde esses temas sejam tratados com a devida importância. Além de incluir livros que abordem as temáticas, é preciso ter em mente a importância do debate sobre as práticas antirracistas, visando que esse assunto não pertence apenas a comunidade negra de forma explícita, mas também é de interesse dos demais sujeitos ativos de uma sociedade.

A literatura vem como uma grande contribuição para ajudar no processo de formação de jovens e crianças, os livros são ferramentas que buscam representar a sociedade, e a partir disso são espelhos para os seus leitores. Portanto os alunos por meio da literatura têm acesso a um conhecimento prévio do qual eles ainda não tinham acesso, e uma vez acessado abre uma nova janela de conhecimento em suas mentes, a partir desse ponto se inicia o seu processo de formação. Por esse motivo se faz tão necessário que as temáticas do bullying e do racismo sejam incluídas em obras literárias para que não se cultive uma educação racista e violenta.

## **5. Considerações Finais**

Com os resultados obtidos através da pesquisa realizada com os alunos da escola, foi possível constatar através de seus relatos, as diferentes formas de racismo e violência que persiste dentro do âmbito escolar. Observando como cada um deles se manifestam, pôde-se compreender de fato que a escola é o ambiente em comum onde jovens, crianças e adultos se tornam alvos ou agressores de tais atos, uma vez que o ambiente escolar é o lugar de subterfúgio intermediário desses ataques.

Desse modo, a investigação sobre a maquiagem do preconceito e as reflexões sobre o bullying racial na educação básica, trouxe resultados surpreendentes após a análise dos dados levantados, constatando que de fato existe um véu sobre o assunto aqui abordado e trazendo a reflexão sob os questionamentos do que a escola estava fazendo para evitar o problema, de que forma seria possível refreá-lo e como seria viável trazer para o enredo escolar um tópico tão necessário para a formação dos professores e estudantes.

Partindo da ideia de que a escola é um ambiente voltado para o desenvolvimento intelectual e pessoal de cada sujeito, se faz necessário que ela melhore o seu currículo para garantir uma formação social adequada do aluno, conduzindo em seu contexto, conceitos que visem a importância de uma consciência antirracista, além de não ignorar as agressões acarretadas pelo bullying racial dentro de seu espaço. Definindo assim, uma ampliação de seus conhecimentos que priorize esses assuntos, buscando por uma compreensão urgente sobre como tratar o conteúdo da maneira correta.

Ao retratar o bullying racial, se faz necessário compreender que ele surge através das brincadeiras ditas inofensivas onde ele passa despercebido, fazendo com que o professor não dê a devida importância e os alunos o transformem em algo comum, até certo ponto por assim dizer. Esse ciclo tende a se repetir por diversas vezes e essa violência pode vir a acontecer tanto dentro da escola como fora dela, é um fenômeno que pode causar grandes proporções uma vez que ignorados pelas figuras de autoridades, sejam elas os professores ou os pais, que por terem uma sobrecarga diária rotulam o bullying racial como fato isolado.

A partir da investigação sobre o bullying racial e suas variadas formas de se camuflar, foi possível compreender como a escola colabora para que exista uma maquiagem do preconceito, entendendo que ela pode não perceber como ele acontece e não averigua de fato o que os ataques dentro de seus muros. Sendo assim, a escola precisa intervir, e essa intervenção pode acontecer através de uma metodologia ativa e um plano de ação pedagógico que visem ofertar uma educação voltada para a inclusão de temas como o bullying e o racismo e que promova o acolhimento dos alunos em suas diferenças. Embora a escola pesquisada não investigasse a fundo o motivo de existir essa maquiagem do preconceito, ela dispunha em seu currículo, palestras e oficinas voltadas para a retratação do bullying e do racismo, trazendo à tona as implicações que esses crimes previstos em lei podem acarretar. O problema é que palestras isoladas não são suficientes para solucionar esta situação.

A problemática da escola manter com seus alunos uma abordagem vaga sobre essa temática, conseqüentemente os leva a não investigar sobre ela, não surge nos estudantes o desejo de conhecer mais a respeito do assunto. Dessa maneira, ela também se torna o espaço de propagação desse problema. Uma vez que a escola é um ambiente onde existe diversidade entre os estudantes, e acolhe a multiculturalidade, ela também se torna o meio em comum entre o agressor e a vítima. É necessário enfatizar que a multiculturalidade não é o problema, mas sim a falta de representatividade que é tão pouca ou quase escassa dentro das escolas sobre a

diversidade cultural. Isso traz à tona a grande questão do desenvolvimento social do aluno, se ele não está sendo estimulado de que forma ele será inserido na sociedade? Se faz necessário ampliar a sua rede de aprendizagem para que ele saia da escola como um sujeito social apto e bem instruído e dessa maneira seja possível inseri-lo dentro da sociedade de forma ativa e consciente, para além da dicotomia vítima/agressor.

Sendo assim, o fator principal para entender o tema e todas as questões que estão em seu entorno, surgiu através da urgência de se analisar como ele se manifestava dentro das escolas, e como ela perpetuava a perspectiva reducionista sobre a importância de se trazer os assuntos relacionados à essa temática para dentro do seu currículo de maneira sucinta e dando-lhe a devida atenção, apenas com palestras isoladas. A escola como porta voz dos conhecimentos e dos saberes, precisa estar engajada quanto a assuntos que atingem diretamente a sociedade, assuntos esses que têm o poder de modificar, mas também possuem o poder de camuflar em meias verdades o racismo estrutural e suas formas peculiares de manifestação.

Portanto, é fundamental que a escola consiga abrir caminhos para uma narrativa que ajude seus gestores e professores a melhorar a compreensão da questão central desse problema levando em consideração que o mesmo interfere na vida pessoal das vítimas e dos agressores, frisando que quanto mais abordada essas questões, mais fácil será lidar com o problema futuramente, compreendendo que o impacto futuro na vida desses jovens será bem menos ofensivo se ponderar o equilíbrio das informações repassadas, melhorando o conhecimento e ajudando os estudantes a colocar em prática a aprendizagem.

Por fim, o objetivo final da pesquisa foi alcançado com sucesso, visto que a investigação principal seria averiguar como o bullying racial é de fato maquiado dentro da escola, levantando questionamentos para entender o real motivo do porquê isso realmente acontece. Entender de fato como esse fenômeno acontecia na visão dos estudantes revelou outra perspectiva sobre como de fato torná-lo uma evidência, para que assim fosse possível buscar por meios de combatê-lo futuramente. Contudo é importante salientar que o bullying e o racismo são crimes previstos em lei, e que não só a escola precisa incluí-los em seu contexto, mas também seria primordial que todos conseguissem fazer a sua parte para garantir que tais crimes não possuam uma repercussão indesejada. A sociedade em geral precisa intervir para evitar a normalização desse problema.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Silvio. **O que é racismo estrutural**. São Paulo, UNIFESP, 2018.

Araújo, Ilze Aruini; Bernardes, Prof<sup>o</sup>. Dra. Vânia Aparecida Martins. **Discriminação Racial em sala de aula**. Uberlândia, UFU, 2008.

BATISTA, Elise Helena Moraes. **Bullying e preconceito ético- Racial**. Santa Catarina, UniSul, 2013.

Bernardo, Terezinha; Maciel Regimeire Oliveira. **Racismo e educação: Um conflito constante**. São Paulo, PUC, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. MEC. <https://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487> acessado em março de 2023.

Carvalho, Pinto, de Marília. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. USP, São Paulo. 2004.

Carvalho, Marília. **Quem é negro, quem é branco: Desempenho escolar e classificação Racial de alunos**. Revista brasileira de educação, São Paulo, USP, 2005.

Carvalho, Pagliosa; Marcelo. **Ensino antirracista na educação básica: da formação de professores às práticas escolares.** USP, São Paulo. BRASIL.

Cavalleiro, Elaine. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar.** Editora contexto, São Paulo , USP, 2012.

CHAVES Lobato, Denise Raissa; SOUZA, de, Mauricio Rodrigues; **bullying e preconceito: atualidade da barbárie.** Revista brasileira de Educação, Pará, UFFPA, v. 23, 2018.

Crochik, Leon, José, **Formas de violência escolar: preconceito e bullying.** 2015, revista de educação; ano. 2, n. 3, UFF, São Paulo.

Cumha, Jane Célia Bento. **Literatura afro-brasileira e o combate ao bullying racista.** Relp, Tocantins, V.2, n.2, 2016.

Dias, Lucimar Rosa. **Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais. Da LDB de 1961 a lei 10. 639.** São Paulo, USP, 2018.

Felizardo, R. A. **Bullying Escolar: prevenção, intervenção e resolução com princípios da Justiça restaurativa.** Curitiba: Intersaberes, 2017.

Fernandes, Nathaly Cristina. **Racismo na infância: Impactos psicológicos.** Paraná, FAFIJAN. 2018.

Hooks Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade.** Ed. Wnfmartinsfontes. São Paulo, 2023.

JORGE, Marcos; **Ação pedagógica de prevenção às práticas racistas na escola: a percepção sobre racismo entre estudantes do sexto ano do ensino fundamental.** revista educação, ates e inclusão UNESP, v. 12, n. 3, 2016.

Jr; Silva, Hedio. **Discriminação racial nas escolas: entre as leis e as práticas sociais.** UNESCO, Brasília, 2002. BRASIL.

Kuhlkamp, Moacir Cesar. **Bullying Racial: A cor do preconceito e a discriminação latente nas escolas.** Campo largo, UFPR, 2015.

Laurino; Viviane Basílio de Souza. **NJILA: Círculos de diálogo antirracistas na educação básica.** Vitória, UFES, 2023.

Lima, Joselene Granjano Costa Castro. **Crianças e jovens afrodescendente negros: Preconceito Racial e bullying escolar.** Editora científica digital, 2022. www. Editora científica.com.br

lis, UFSC, 2020.

Lucas, Sá; Sheila. **Bullying nas escolas uma proposta de intervenção.** UFP; Pará , 2011.

NUNES, Sara Melo do Egito. **O papel social da escola frente ao cyberbullying: uma perspectiva dos diretores escolares do município do Rio Largo.** Maceió, UFAL, 2021.

Oliveira, Eli Carvalho; Santana, Marcio Santos. **Preconceito racial no âmbito escolar.** Paraná, UNOPAR, 2014.

Oliveira, Willer Carlos. **O papel do professor diante do bullying na sala de aula.** UTFPR, 2012.

OTERO, Cleber Sanfelici; Yaegashi, João Gabriel. **Bullying no contexto escolar: Caracterização causas e consequências.** São Paulo, USP, 2023.

Pellegrine, Marina Joaquim. **A importância dos jogos e das brincadeiras na educação infantil.** São Paulo, PUC, 2007.

Ribeiro, Anailde da Silva. **Racismo e formação da identidade racial na literatura infanto-juvenil: uma análise de Flicts e Pretinha , eu? .** Recife, FAFIRE, 2018.

Santos, Domingos Barbosa. **As interfaces do bullying e da discriminação étnico racial na escola.** Goiás , PUC, 2015.

Santos; Regina Celi. **Contribuições para superar o racismo na escola: Valorização pelo reconhecimento da importância da identidade, histórica e cultural afro-brasileira.** Brasília, UNB. 2015.

Silva, Regina Cardoso ; Cruz , Thiago André Nunes. **A gestão escolar no combate ao racismo no contexto escolar.** Amazonas, FIAMA, 2023.

Silva, Santos, Deise Cardoso; **Bullying racial nuances acerca da violência, representações e discriminação à estudantes negros na escola de ensino fundamental em salvador, Bahia, ano 2017.** Salvador Bahia: UCSAL, 2017.

SOUSA, Carol Ferreira Andrade. *A cor da minha infância.* Florianópolis

Souza, Christiane Pantosa; Almeida, Léo César Parente. **Bullying em ambiente escolar.** Enciclopédia biosfera, centro científico conhecer, Pará, UFPA, v.7, n.12, 2011.

## ANEXOS

Este questionário é um instrumento de coleta de dados para a pesquisa em nível de TCC sobre o seguinte título acima, das discentes Amanda Pereira Alves da Silva e Andreza Lima de Souza. A finalidade é exclusivamente acadêmica, sendo assim, suas informações, assim como sua identidade estarão sob sigilo. Total de perguntas: 23 questões.

### MAQUIAGEM DO PRECONCEITO: REFLEXÕES SOBRE O BULLYING RACIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

01- Com qual cor você se identifica?

preto  branco  pardo  amarelo  indígena

02- Você já presenciou uma situação de racismo na escola?

Sim  não

03- Se a resposta da pergunta anterior foi sim pode relatar como ocorreu?

04- Caso tenha respondido a questão anterior, o que você sentiu no momento em que aconteceu tal situação?

05- Você conhece o significado da expressão bullying?

Sim  não

06- Se a resposta for sim, o que você entende sobre?

07- Você já presenciou uma situação de bullying?

Sim  não

08- Se já presenciou relate como aconteceu e onde?

09- Você conhece algum aspecto da cultura africana e afro-brasileira?

Sim  não

10- Se sim, o que você entende sobre essas manifestações culturais?

11- Como você avalia o ensino da cultura africana e a afro-brasileira na sua escola?

Bom  ótimo  péssimo  inexistente

12- Independente da resposta anterior explique o porquê da sua escolha.

13- Você se sente representado na sua escola a partir das atividades escolares?

Sim ( ) não ( )

14- Se a resposta for sim, de que forma você se sente representado?

15- Na biblioteca da sua escola é fácil encontrar livros sobre a cultura africana e afro-brasileira?

Sim ( ) não ( )

16- Se sim, quais as temáticas que existem na biblioteca da sua escola?

17- Você já leu algum livro relacionado a cultura afro-brasileira ou africana? Se sim, você gostou de aprender sobre?

18 - Assuntos como o racismo e o bullying são abordados na sua escola?

Sim ( ) não ( )

19- Se sim de que forma?

20 - Você sente que a sua escola é um espaço acolhedor?

Sim ( ) não ( )

21- Independente da resposta por qual motivo você se sente ou não acolhido nesse espaço?

22- Com que frequência você se coloca no lugar do outro?

Muita ( ) pouca ( ) mediana ( )

23 - Independente da resposta por que e de que forma você se coloca ou não no lugar do outro?